



# Boletim

## Agropecuário

Nº 157, jun/2026



**CEPA**  
Centro de Socioeconomia  
e Planejamento Agrícola



GOVERNO DE  
**SANTA  
CATARINA**  
SECRETARIA DA AGRICULTURA  
E PECUÁRIA



**Governador do Estado**  
Jorginho dos Santos Mello

**Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária**  
Admir Edi Dalla Cort

**Presidente da Epagri**  
Dirceu Leite

**Diretores**

Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann  
Ensino Agrotécnico

Fabírcia Hoffmann Maria  
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino  
Extensão Rural e Pecuária

Jurandi Teodoro Gugel  
Desenvolvimento Institucional

Éverton Blainski  
Ciência, Tecnologia e Inovação



# Boletim Agropecuário

Nº 157, jun/2026

## **Autores desta edição**

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Alexandre Luís Giehl

Gláucia de Almeida Padrão

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Lillian Bastian

Rogério Goulart Junior



Florianópolis  
2026

**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5000

Site: [www.epagri.sc.gov.br](http://www.epagri.sc.gov.br)

E-mail: [epagri@epagri.sc.gov.br](mailto:epagri@epagri.sc.gov.br)

**Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: [online@epagri.sc.gov.br](mailto:online@epagri.sc.gov.br)

**Coordenação:** Luis Augusto Araujo

**Colaboração:**

Adelina Cecilia de Andrade Berns

Andriele Caroline De Moraes

Bruna Parente Porto

Catherine Amorim

Édila Gonçalves Botelho

Emile Dayara Rabelo Santana

Evandro Uberdan Anater

Gabriella Cristina Sevald

Lucas Trindade Borges

Maiara Antunes

Valdenize Pianaro

Valmir Kretschmer

**Diagramação:** Sidaura Lessa Graciosa

**Capa:** Bianca Ariela Eickel Barel

**Edição:** jun/2026 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

**Ficha Catalográfica**

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014)

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria.

A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

# Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

**Dirceu Leite**  
Presidente da Epagri



## Sumário

<b>Fruticultura .....</b>	<b>7</b>
<b>Grãos.....</b>	<b>13</b>
<b>Hortaliças.....</b>	<b>36</b>
<b>Pecuária.....</b>	<b>45</b>



## Fruticultura

# Maçã ..... 8



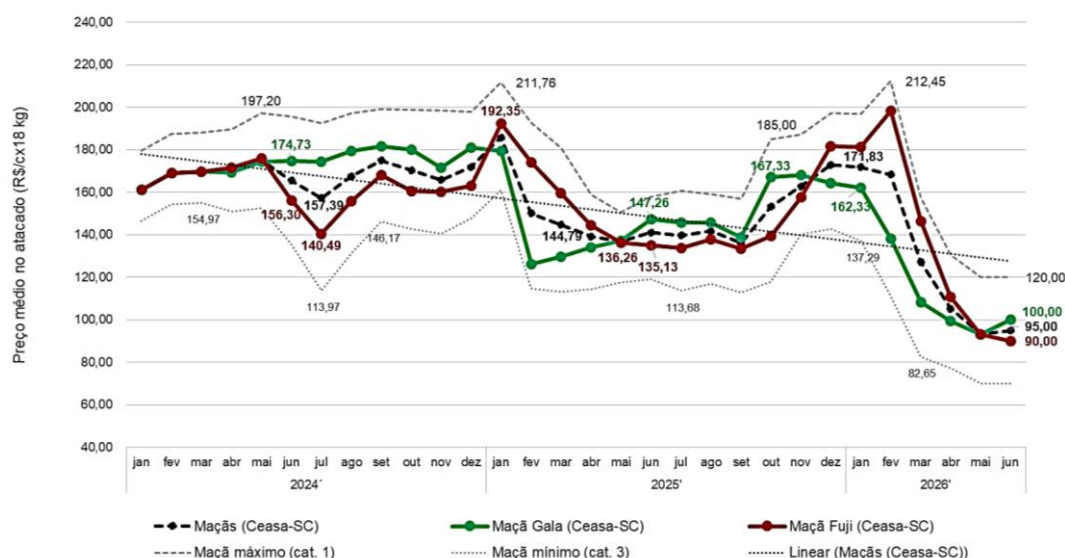
## Maçã

**Rogério Goulart Junior**  
Economista, Dr. - Epagri/Cepa  
[rogeriojunior@epagri.sc.gov.br](mailto:rogeriojunior@epagri.sc.gov.br)

O mercado de maçãs em 2026 tem sido marcado por queda nos preços em função do aumento da oferta decorrente da colheita nas principais regiões produtoras. Nas centrais de abastecimento analisadas, as cotações apresentaram desvalorizações expressivas em relação ao ano anterior, refletindo a recuperação da produção nacional após uma safra anterior reduzida.

### Preço no atacado e mercado estadual

Figura 1 - Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado de SC



Fonte: Epagri/Cepa e Prohort/Conab

Nota: Preço corrigido pelo IGP-DI (mai/26=100); Preços estimados até 6 de jun./26

Na Ceasa/SC, entre abril e maio de 2026, houve desvalorização de 11,3% no **preço médio das maçãs** com a colheita e comercialização da Fuji. Em comparação ao mês de maio de 2025 houve desvalorização nas cotações de 31,7%. Para o mês de junho estima-se que deve se manter uma desvalorização 30% nos preços médio das maçãs em relação ao ano anterior; enquanto na variação entre maio e junho é estimada recuperação com aumento de 1,8% nas cotações com a diminuição na oferta da fruta com a finalização da colheita na maioria dos pomares.

A **maçã Gala** contribuiu com desvalorização de 6,2% nos preços, entre abril e maio de 2026, e com desvalorização de 32,0% em comparação a maio de 2025. Já a **maçã Fuji** contribuiu com

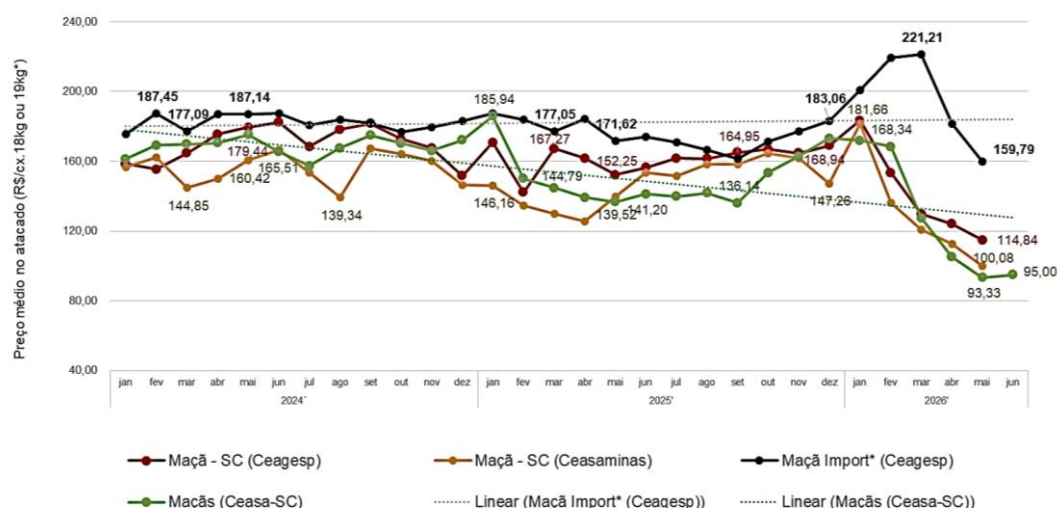


desvalorização de 15,9% nos preços, entre abril e maio de 2026, e com desvalorização de 31,5% em comparação a maio de 2025.

Em junho, a expectativa é de manutenção na valorização nos preços no atacado da Gala e redução no da Fuji, com o finalização na colheita da maçã Fuji em todas as regiões produtoras na safra corrente e consequente redução da oferta total no mercado.

## Preço no atacado e mercado nacional

Figura 2 - Maçã catarinense e importada – Evolução do preço médio mensal no atacado nacional



Fonte: Epagri/Cepa e Prohort/Conab

Nota: Preço corrigido pelo IGP-DI (mai/26=100); Preço Ceasa-SC até 6 de junho/26.

Na **Ceagesp**, o preço da **maçã de origem catarinense** apresentou desvalorização de 7,4%, entre abril e maio de 2026, com maior oferta da fruta nas centrais de abastecimento. As cotações da maçã catarinense estão desvalorizadas 24,6% em relação a maio do ano anterior. Com colheita das frutas a oferta no mercado mantém a pressão nos preços no atacado na central paulistana.

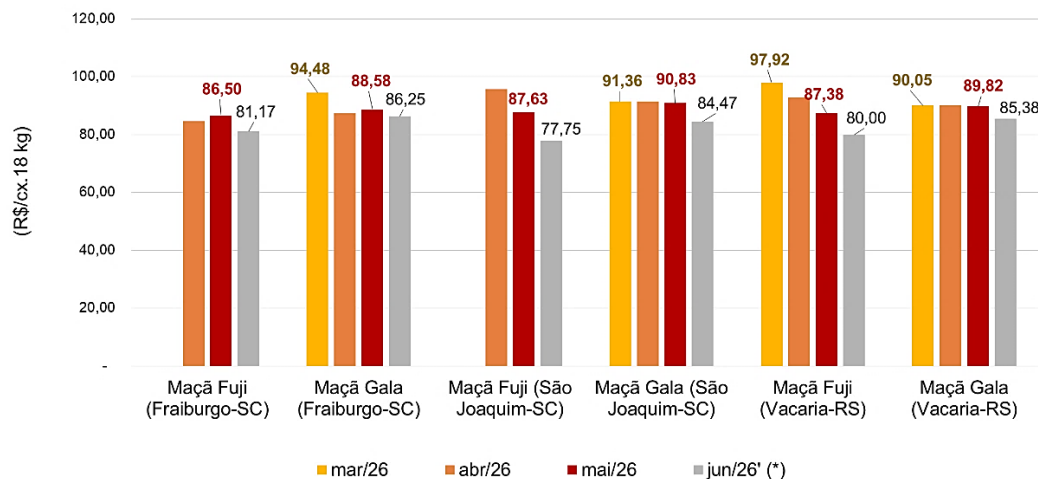
Os preços das **maçãs importadas**, entre abril e maio de 2026, estão desvalorizados 11,9%, mas com cotações 139% acima cotação da fruta catarinense na Ceagesp, reduzindo a concorrência com a fruta nacional que também diminuiu os preços. Em maio de 2026, os preços médios das maçãs importadas estão 6,9% desvalorizados na comparação com o mesmo mês de do ano anterior.

Na **Ceasaminas**, houve redução de 28,3% nas cotações da **fruta catarinense** em relação a maio de 2025, e com desvalorização de 11,0% entre abril e maio de 2026, devido ao aumento na oferta pela fruta com a colheita nas regiões produtoras.



## Preço ao produtor nas principais regiões de produção nacional

Figura 3 - Maçã – SC e RS: preço médio ao produtor nas principais praças do País



Fonte: Epagri/Cepa, Cepea/Esalq/USP e Agrolink

(\*) Maçã (cat.1) embalada; até 6 de junho/2026.

**Na região de Fraiburgo/SC**, entre abril e maio de 2026, as cotações da maçã Gala valorizaram 1,4% e a da maçã Fuji 2,3%. Em maio, com a redução da colheita das maçãs na região, a oferta regional reduziu com aumento dos preços da fruta (Figura 3). A expectativa é de aumento da oferta para escoar as frutas no final da colheita.

**Na região de São Joaquim/SC**, entre abril e maio de 2026, as cotações da maçã Gala e Fuji se desvalorizaram com aumento da colheita das variedades. Em maio, com a maior colheita da maçã Fuji a oferta regional da fruta aumentou mantendo os preços desvalorizados. Em junho, a expectativa é de manutenção nas cotações para escoar a fruta do final da safra, que apresentou melhor qualidade que os anos anteriores e parte do volume já está armazenado em câmaras frias para a comercialização no segundo semestre com maiores preços

**Na região de Vacaria/RS**, entre abril e maio de 2026, as cotações da maçã Fuji desvalorizaram 5,8% com a oferta maior das frutas. A expectativa é de finalizar a colheita, com desvalorização nos preços, mas com ganho aos produtores com o maior volume produzido na safra.

### Custos de produção referenciais

A partir do projeto de pesquisa da Epagri/Cepa foi construída uma matriz de Custo de Produção Referencial para a maçã seguindo a metodologia do custo operacional efetivo - COE do IEA-SP (Matsunaga *et. al.*, 1976) adaptada pela Epagri/Cepa (2021). Os dados e informações foram obtidos em Painel Regional de especialistas, em São Joaquim, com a presença de produtores, representantes do setor, técnicos e pesquisadores.

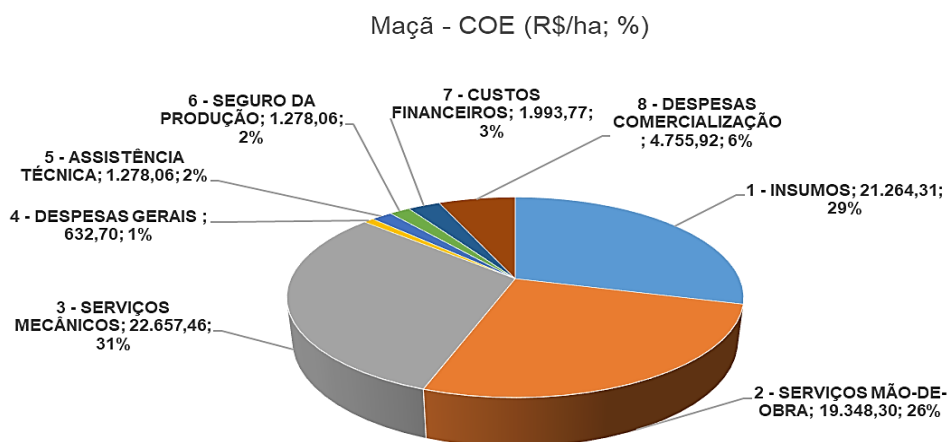
A metodologia contou com a definição da propriedade modal em área (3,5ha) e produtividade (50 mil kg ha<sup>-1</sup>) para a principal região produtora estadual, a caracterização do sistema de



produção predominante com maçãs Fuji e Gala e a atualização dos coeficientes técnicos, componentes de custos e insumos utilizados na cultura.

Os custos operacionais efetivos (COE) referenciais para a produção de maçãs Fuji e Gala na safra 2025/26, para a região agro do Planalto Sul Catarinense, ficaram entre R\$73.208,56 e R\$73.689,39 por hectare, considerando o preço médio de venda da fruta no intervalo de R\$62,71 a R\$74,25 a caixa de 18 kg conforme os preços de insumos atualizados em 2025.

**Figura 4 - Maçã – Custo por hectare e participação no custo operacional efetivo (COE)**



Fonte: Epagri/Cepa (2026)

Os Custos Operacionais Totais (COT) foram calculados entre R\$76.732,23 e R\$77.213,07 por hectare, representando 44,0% a 37,4% do preço médio da caixa de 18kg negociada na safra 2025/26. A análise da estrutura de custos revela que os serviços mecânicos e de mão-de-obra representam juntos o principal componente operacional, com 57% do custo efetivo, seguidos pelos insumos (29%). Entre os serviços mecânicos, o maior destaque reside nas pulverizações, que correspondem a uma fatia de 13% dos desembolsos; enquanto, nos serviços de mão-de-obra, os tratamentos culturais respondem por 11%. Já nos insumos, os fungicidas participam com 10% do custo efetivo.

Em breve os dados e resultados da pesquisa devem ser disponibilizados em relatório com análises dos componentes de custos e indicadores econômicos-financeiros e publicados no site do Epagri/Cepa.



## Comparativo de Safras

**Tabela 1 - Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2024/25 e a estimativa atual de 2025/26**

Principais MRG com cultivo de maçã	2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtiv. média (%)
Joaçaba	2.596	69.388	26.729	2.563	70.264	27.415	-1,3	1,3	2,6
Curitibanos	915	24.414	26.682	915	35.925	39.262	0,0	47,1	47,1
Campos de Lages	13.772	387.467	28.134	13.587	576.445	42.426	-1,3	48,8	50,8
<b>Subtotal</b>	<b>17.283</b>	<b>481.269</b>	<b>27.846</b>	<b>17.065</b>	<b>682.634</b>	<b>40.002</b>	<b>-1,3</b>	<b>41,8</b>	<b>43,7</b>
Outras	67	1.650	24.627	67	1.850	27.612	0,0	12,1	12,1
<b>Total</b>	<b>17.350</b>	<b>482.919</b>	<b>27.834</b>	<b>17.132</b>	<b>684.484</b>	<b>39.954</b>	<b>-1,3</b>	<b>41,7</b>	<b>43,5</b>

Fonte: Epagri/Cepa, maio/2026

No comparativo de safras a estimativa é de recuperação de 42% na produção de maçã nas principais regiões produtoras na safra 2025/26 em relação à da safra anterior. A microrregião dos Campos de Lages está representando 84,4% da produção esperada com aumento de 49% na produção, a de Joaçaba 10,3% com aumento de 1,3% na produção e a de Curitibanos 5,3% com aumento de 47% na produção.



## Grãos

Arroz .....	14
Feijão .....	18
Milho .....	22
Soja.....	27
Trigo.....	32



## Arroz

**Glaucia de Almeida Padrão**

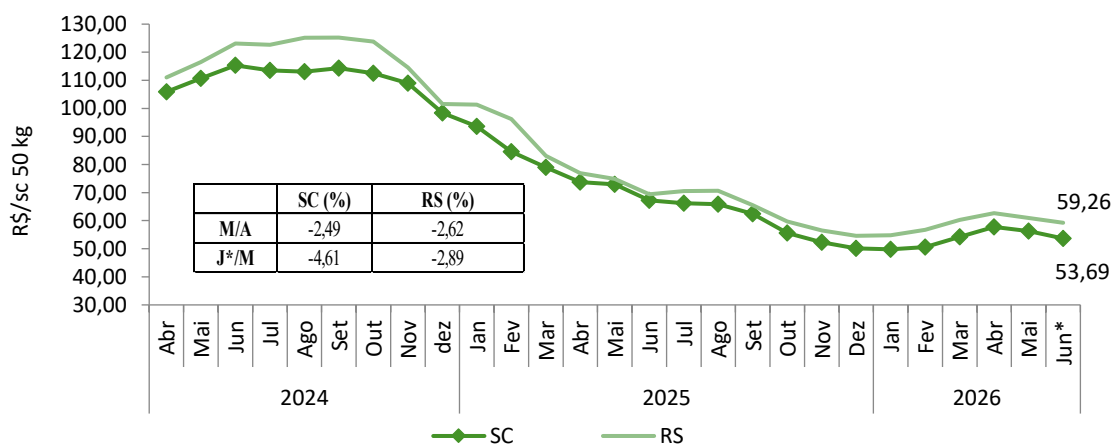
Economista, Dra. - Epagri/Cepa

[glauciapadrao@epagri.sc.gov.br](mailto:glauciapadrao@epagri.sc.gov.br)

### Mercado

O mercado de arroz continua com preços em queda, apesar da elevação pontual observada no mês de abril. Entre março e abril, observou-se um aumento de 9,07% no preço médio do arroz em Santa Catarina e de 6,51% no Rio Grande do Sul. Entre as explicações para essa elevação pontual dos preços do arroz está a baixa liquidez. Apesar da maior disponibilidade do grão, em razão da finalização da colheita em Santa Catarina e nos demais estados, os produtores se mantiveram resistentes em comercializar o grão ao preço praticado, dada a insuficiência destes para cobrir os custos de produção. Nos primeiros dias de maio, no entanto, o cenário já se apresentou diferente e tem mantido esta trajetória desde então, com redução dos preços tanto no Rio Grande do Sul, quanto em Santa Catarina. Essa redução, no entanto, vem ganhando força nos últimos dias. No Rio Grande do Sul, principal estado produtor, a média de maio fechou em R\$61,02 a saca de 50kg e, na média parcial de junho, os preços caíram para R\$59,26 (variação de -2,89% em relação a maio), segundo dados do Cepea. Em Santa Catarina, segundo maior produtor e mercado fortemente influenciado pelo estado gaúcho, foi observado comportamento similar ao do Rio Grande do Sul, porém com mais intensidade: no mês de maio, o preço médio pago ao produtor no estado totalizou R\$56,28 por saca de 50kg e, no primeiro decêndio de junho, a média parcial foi de R\$53,69 por saca de 50kg (variação de -4,61% em relação a maio). O aumento da disponibilidade interna do grão, dada a finalização da colheita da safra 2025/26 nos dois estados é a principal explicação para a queda dos preços, associada à queda da demanda no atacado e varejo.

**Figura 1 - Arroz – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (abr./2024 a jun./2026\*)**



Fonte: SC - Epagri/Cepa, RS – Cepea, junho/2026

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

(\*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

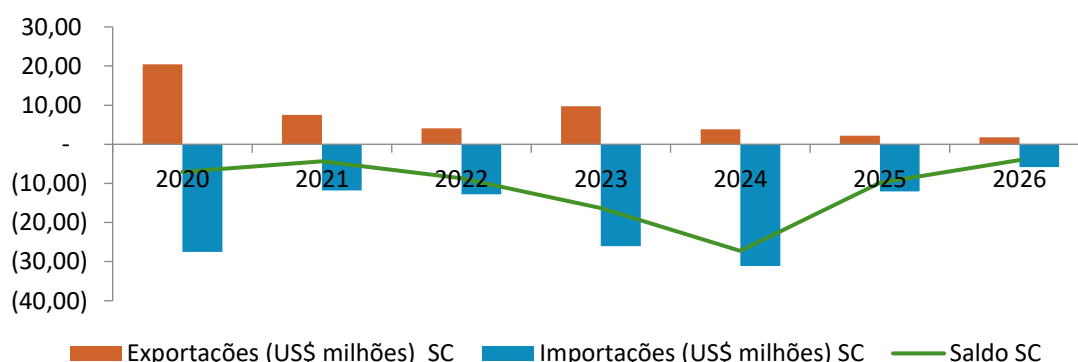


Cabe destacar ainda alguns fatores que podem exercer pressão de alta nos preços nos próximos dias. Um deles foi a ocorrência dos leilões PEPRO (Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural) e PEP (Prêmio para Escoamento de Produto) promovidos pela Conab voltados ao arroz em casca colhido na safra 2025/26, com o intuito de minimizar os problemas decorrentes do excesso de oferta e reduzida comercialização. Ao todo foram negociadas cerca de 262 mil toneladas de arroz. Outro fator de destaque foi o incremento das exportações, dada a maior atratividade do mercado externo. Além disso, as incertezas quanto ao impacto do *El niño*, que deverá ser de intensidade forte a muito forte, sobre a produção do arroz e a disponibilidade do grão na próxima safra, podem ser fatores que sustentem uma elevação temporária dos preços, mas os fundamentos de mercado ainda barram uma recuperação mais robusta.

### Comércio Exterior

No que diz respeito ao comércio internacional de arroz, no ano de 2026, o mercado está mais atrativo do que o ano anterior. Entre janeiro e maio foram exportados o equivalente a US\$1,75 milhão, o que representa uma variação de 120,84% em relação ao mesmo período do ano anterior. As exportações são apontadas como uma saída para reduzir a pressão da oferta interna sobre os preços. No entanto, embora o volume exportado até o momento supere significativamente o observado em 2025, este ainda não é suficiente para reduzir a oferta interna e resultar em elevação significativa dos preços domésticos, haja vista a atuação dos demais países do Mercosul de forma mais competitiva do que o Brasil. Entre os principais parceiros comerciais, destacam-se Cuba (37,3%), Estados Unidos (14,3%) e Senegal (8,7%). De maneira geral, os destinos comerciais apresentaram crescimento expressivo dos volumes originados de Santa Catarina. Isto porque, o estado apresentou boa disponibilidade do grão após a safra recorde obtida e competitividade de preços, favorecida pelo câmbio e pela eficiência logística (localização dos portos), o que abriu uma janela de comércio externo.

**Figura 2 - Arroz – Santa Catarina: evolução das exportações, importações e saldo da balança comercial anuais – (2020 a 2026<sup>(1)</sup>)**



Fonte: Comex Stat/Mdic, maio/2026

<sup>(1)</sup> Para o ano de 2026 estão os dados acumulados de janeiro a maio.



Do lado das importações, entre janeiro e maio de 2026, o estado importou o equivalente a US\$5,8 milhões, o que representa uma variação de 24,49% em relação ao mesmo período de 2025. Apesar da alteração de trajetória das importações, visto que no primeiro trimestre do ano elas estavam abaixo do volume importado no mesmo período de 2025, o mercado segue desaquecido em face da oferta interna que continua alta e desestimula a busca por produto em outros mercados. As importações originárias do Paraguai, principal parceiro comercial do estado, começaram a ganhar força no mês de maio, quando tradicionalmente tal país começa a atuar no mercado catarinense e deverá se intensificar no segundo semestre, com o período de entressafra brasileiro. Dessa forma, o Paraguai já se destaca como segundo principal parceiro comercial do estado, com 18,78% do total importado até o momento, destacando-se ainda o Uruguai (45,37%) e Argentina (17,88%).

### Acompanhamento de safra

A colheita de arroz em Santa Catarina encontra-se encerrada e as estimativas da Epagri/Cepa apontam para uma leve redução de área cultivada, projetada em 1,32% em relação à safra anterior. A produtividade também deverá ser menor, estimada em 8.787kg/ha, o que representa uma redução de 1,78% frente à safra passada. Essa queda, porém, reflete principalmente o desempenho excepcional registrado no ciclo anterior, com a atual safra retornando a níveis mais próximos da normalidade, mas também o menor aporte de recursos em insumos como adubação e agrotóxicos, diante do cenário de preços pagos menores que os custos de produção. A combinação entre menor área plantada e redução de produtividade deverá resultar em uma produção total de 1,260 milhão de toneladas. Os resultados até o momento apontam para uma safra normal com problemas pontuais nas regiões produtoras, ainda que menos expressiva do que a obtida em 2024/25.

**Tabela 1 - Arroz – Comparativo de safras**

Microrregião	2024/25			Estimativa safra 2025/26				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Araranguá	58.848	9.058	533.039	58.434	9.133	533.705	42,36	-0,70	0,83	0,12
Blumenau	7.048	9.883	69.654	6.993	8.950	62.590	4,97	-0,78	-9,44	-10,14
Criciúma	21.829	9.185	200.501	21.889	8.716	190.789	15,14	0,27	-5,10	-4,84
Florianópolis	1.894	6.946	13.155	2.080	6.571	13.668	1,08	9,82	-5,40	3,90
Itajaí	8.987	8.424	75.707	8.504	8.330	70.839	5,62	-5,37	-1,11	-6,43
Ituporanga	170	8.405	1.429	175	9.000	1.575	0,13	2,94	7,08	10,22
Joinville	17.709	8.366	148.150	17.525	8.313	145.685	11,56	-1,04	-0,63	-1,66
Rio do Sul	9.990	9.861	98.510	9.896	10.253	101.465	8,05	-0,94	3,98	3,00
Tabuleiro	132	8.045	1.062	120	8.900	1.068	0,08	-9,09	10,63	0,56
Tijucas	2.164	7.377	15.963	1.960	7.322	14.352	1,14	-9,43	-0,74	-10,09
Tubarão	16.523	8.633	142.648	15.802	7.856	124.134	9,85	-4,36	-9,01	-12,98
<b>Santa Catarina</b>	<b>145.294</b>	<b>8.946</b>	<b>1.299.818</b>	<b>143.378</b>	<b>8.787</b>	<b>1.259.871</b>	<b>100,00</b>	<b>-1,32</b>	<b>-1,78</b>	<b>-3,07</b>

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

No âmbito nacional, segundo o 9º Levantamento da Safra Brasileira de Grãos da Conab, a safra encontra-se praticamente finalizada no país, com os trabalhos já concluídos no final de maio nos principais estados produtores, tais como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Tocantins e Mato Grosso. A produção nacional total está estimada em aproximadamente 11,1 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 13,2% em comparação com o volume produzido na



safrá passada. Esse declínio é justificado essencialmente por uma redução de 13,9% na área plantada total, que ficou em 1.517,9 mil hectares, motivada pelas condições desfavoráveis do mercado e pelos custos elevados de produção que desestimularam a semeadura. Apesar da menor área cultivada, o desenvolvimento geral das plantas em campo foi satisfatório e resultou em bons rendimentos, consolidando uma produtividade média nacional de 7.299kg/ha — um ligeiro incremento de 0,9% sobre o ciclo anterior que ajudou a atenuar perdas ainda maiores.



## Feijão

**João Rogério Alves**

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

### Mercado

No mês de maio, o preço médio recebido pelos produtores catarinenses pela saca de 60kg de feijão seguiu em alta. O feijão-carioca registrou variação positiva de 7,93%, fechando o mês em R\$279,84/sc. Já o feijão-preto apresentou alta mensal de 8,57%, encerrando o período cotado a R\$173,09/sc. Na comparação anual, o preço médio da saca de feijão-preto ficou 41,66% acima do valor registrado em maio de 2025 (R\$122,19), enquanto o feijão-carioca registrou uma valorização anual de 72,18%.

**Tabela 1 - Feijão BR – Comparativo de preços pagos ao produtor (sc 60kg)**

Estado	Tipo	Abril/26	Maior/26	Variação mensal (%)	Maior/25	Variação anual (%)
Santa Catarina		259,29	279,84	7,93	162,53	72,18
Paraná		300,06	367,82	22,58	211,98	73,52
Minas Gerais	<b>Feijão-carioca</b>	328,33	429,53	30,82	247,53	73,53
Bahia		320,69	414,69	29,31	239,08	73,45
São Paulo		308,18	399,90	29,76	230,46	73,52
Goiás		302,32	399,44	32,12	228,23	75,02
Santa Catarina		159,43	173,09	8,57	122,19	41,66
Paraná	<b>Feijão-preto</b>	159,64	195,43	22,42	122,68	59,30
Rio Grande do Sul		148,83	168,06	12,92	131,70	27,61

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (BA, GO, MG, SP), Deral (PR), junho/2026

Em maio, o mercado de feijão demonstrou valorização nas cotações dos feijões preto e carioca. A sustentação dos preços ocorreu em função da reduzida oferta do produto. De acordo com o Cepea/CNA, os fatores fundamentais que estão atuando no mercado nesse momento são relacionados às incertezas climáticas, como por exemplo, as recentes geadas ocorridas nos estados da Região Sul do país.

### Safra Nacional

Segundo o Deral/PR, o clima foi determinante no resultado da segunda safra de feijão no Paraná. As geadas atingiram “em cheio” as regiões mais ao sul do estado, prejudicando seriamente o desenvolvimento final das lavouras no momento em que a colheita alcançava 50% da área plantada. Atualmente, o índice de lavouras em boas condições restringe-se a 37%, com outras 39% classificadas como médias e uma parcela significativa de 24% avaliada como ruim.

Para a safra nacional 2025/26, a Conab estima uma menor produção de feijão, a previsão atual é de 2,9 milhões de toneladas, esse volume representa uma redução de 5,2% em comparação com a safra anterior, que foi de 3,1 milhões de toneladas. Essa retração decorre da expectativa de uma importante diminuição da área plantada (-6,0%), apesar da expectativa de elevação na produtividade média (+0,9%).



## Safra Catarinense

### Feijão 1ª Safra

A temporada 2025/26 da primeira safra de feijão encerrou-se com redução tanto na área plantada quanto na produtividade média. No período de planejamento, os baixos preços que o mercado vinha praticando desestimularam os produtores a investir na atividade, resultando em um recuo de praticamente 24% na área cultivada. A produtividade média também caiu, visto que o ciclo da cultura foi marcado por forte oscilação climática. Na primavera de 2025, o desenvolvimento inicial foi retardado por temperaturas abaixo da média (anomalias de -0,5 °C a -1,5 °C) e geadas tardias no Planalto Sul entre novembro e dezembro.

No verão, predominou a irregularidade das chuvas: enquanto o Litoral registrou volumes elevados e temporais frequentes, o Grande Oeste enfrentou restrições hídricas típicas do fenômeno *La Niña*. Em suma, o excesso de chuva ao final do ciclo e os temporais entre dezembro e janeiro prejudicaram a qualidade dos grãos em muitas regiões. Como resultado, a produtividade média ficou em 1.957kg/ha, um recuo de 4,7% em relação ao ano anterior. Com isso, a produção estimada é de 52,0 mil toneladas, uma retração de 27,4% na mesma base de comparação.

**Tabela 2 - Feijão 1ª Safra – SC: Comparativo de safras**

Microrregião	Safra 2024/2025			Estimativa Safra 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Partic. Prod. (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	60	1.355	81	11	1.304	14	0,03	-81,7	-3,8	-82,4
Blumenau	117	1.264	148	117	1.416	166	0,32	0,0	12,0	12,0
Campos de Lages	6.185	1.677	10.370	3.655	1.863	6.808	13,09	-40,9	11,1	-34,3
Canoinhas	7.700	1.856	14.293	6.850	1.780	12.196	23,45	-11,0	-4,1	-14,7
Chapecó	4.330	2.592	11.224	2.856	1.640	4.683	9,00	-34,0	-36,7	-58,3
Concórdia	305	1.236	377	298	1.502	448	0,86	-2,3	21,5	18,8
Criciúma	568	1.461	830	30	1.210	36	0,07	-94,7	-17,2	-95,6
Curitibanos	1.830	2.450	4.484	1.379	1.799	2.481	4,77	-24,6	-26,6	-44,7
Itajaí	150	1.200	180	3	1.500	5	0,01	-98,0	25,0	-97,5
Ituporanga	845	2.001	1.691	915	1.984	1.815	3,49	8,3	-0,9	7,3
Joaçaba	2.640	2.579	6.810	2.649	2.409	6.381	12,27	0,3	-6,6	-6,3
Rio do Sul	757	1.879	1.422	687	1.900	1.306	2,51	-9,2	1,1	-8,2
São Bento do Sul	600	1.648	989	530	1.557	825	1,59	-11,7	-5,5	-16,6
São Miguel do Oeste	1.828	2.380	4.350	1.277	2.358	3.012	5,79	-30,1	-0,9	-30,8
Tabuleiro	325	1.791	582	305	1.800	549	1,06	-6,2	0,5	-5,7
Tijucas	170	1.489	253	55	1.585	87	0,17	-67,6	6,5	-65,5
Tubarão	570	1.385	790	250	1.212	303	0,58	-56,1	-12,5	-61,6
Xanxerê	5.908	2.162	12.774	4.704	2.315	10.890	20,94	-20,4	7,1	-14,7
<b>Total Geral</b>	<b>34.888</b>	<b>2.054</b>	<b>71.647</b>	<b>26.571</b>	<b>1.957</b>	<b>52.003</b>	<b>100,00</b>	<b>-23,8</b>	<b>-4,7</b>	<b>-27,4</b>

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026



## Feijão 2ª Safra

Até o final da primeira semana de junho, a colheita alcançou 85% da área cultivada no estado. As lavouras em maturação representam a totalidade da área que resta ser colhida. As baixas temperaturas e ocorrência de geadas registradas desde meados de maio influenciaram o desenvolvimento final da cultura, sobretudo nos cultivos mais tardios. Em áreas de baixada e em lavouras em fase de enchimento de grãos, os impactos do clima foram mais severos. A chegada do frio diminuiu o ritmo de desenvolvimento das plantas, acelerando a maturação fisiológica das plantas. A condição de lavoura caiu bastante, apenas 76% das áreas avaliadas a condição é boa e 20% em condição média.

Para as MRG's de Chapecó e Xanxerê, que respondem por mais de 63% da área plantada com feijão segunda safra no estado, as lavouras encontram-se predominantemente em fase de dessecação e colheita. Aquelas colhidas antes da ocorrência das geadas apresentaram produtividades variando entre 25 e 40 sacas por hectare. Por outro lado, áreas atingidas pelas baixas temperaturas durante a fase final do ciclo apresentam estimativas de rendimento reduzidas, entre 10 e 15 sacas por hectare.

Na MRG de Curitibaanos, responsável por 9,6% da área plantada com feijão segunda safra, os trabalhos de colheita foram encerrados. Algumas áreas foram duramente afetadas pelas geadas sequer serão colhidas. Safrinha bastante complicada na região, inicialmente pelo clima seco, depois pelo frio intenso e geadas. A produtividade regional deverá fechar entre 30 a 35sc/ha. Na MRG de São Miguel do Oeste, com uma contribuição de quase 10% da área plantada com feijão segunda safra, as geadas afetaram a qualidade dos grãos. No geral, o desenvolvimento das lavouras foi satisfatório, com produtividade variando 16 e 35sc/ha. Já na MRG de Canoinhas, que responde por aproximadamente 14% da área plantada com feijão segunda safra, as operações de colheita praticamente encerram. O frio intenso e o excesso de umidade na fase final do desenvolvimento das plantas comprometeu a qualidade dos grãos, previsão de produtividade média entre 20 a 30sc/ha.

A segunda safra 2025/26 de feijão em Santa Catarina teve uma redução importante na intensão de plantio pelos produtores. Apesar da valorização dos preços pela escassez de oferta, o risco climático desencorajou os produtores a apostar na cultura, com resultado, as estimativas apontam para uma redução de 42,4% na área plantada. A produtividade média estimada é de 1.709kg/ha, mas poderá sofrer revisões para baixo, a depender o andamento das operações de colheita e da região onde o produto está sendo colhido. Até o momento, é esperado um forte recuo na produção de aproximadamente 42,5%.





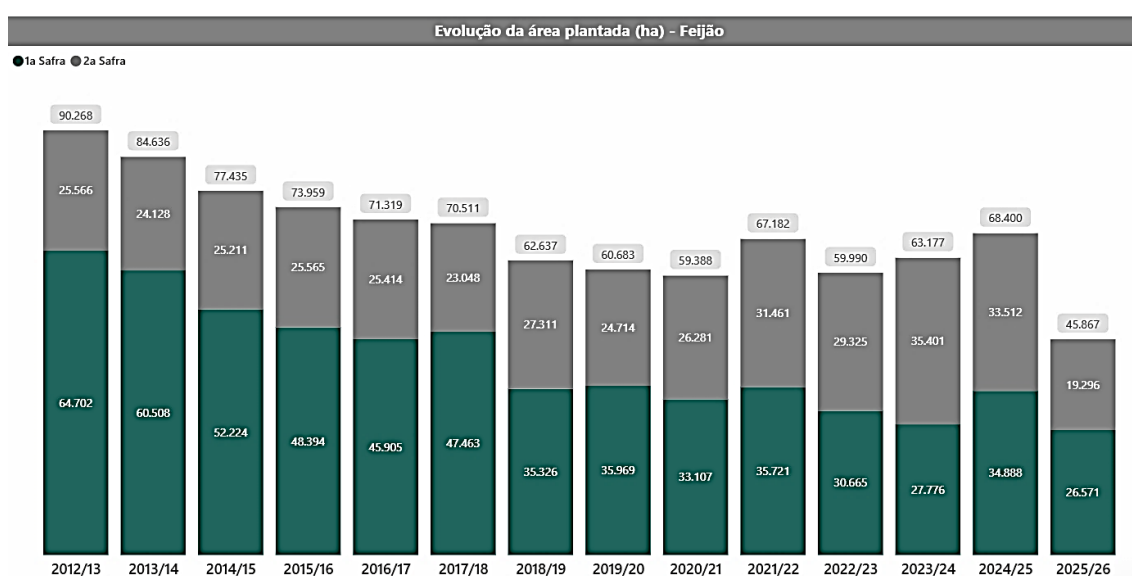
**Tabela 3 - Feijão 2ª Safra – SC: Comparativo de safras**

Microrregião	Safra 2024/2025			Estimativa Safra 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	583	1.139	664	164	1.091	179	0,54	-71,9	-4,2	-73,0
Canoinhas	2.960	1.675	4.959	2840	1.641	4.660	14,13	-4,1	-2,1	-6,0
Chapecó	5.692	1.816	10.338	3.259	1.622	5.285	16,03	-42,7	-10,7	-48,9
Criciúma	848	1.118	948	118	1.527	180	0,55	-86,1	36,6	-81,0
Curitibanos	1.690	2.113	3.571	1.380	2.004	2.765	8,39	-18,3	-5,2	-22,6
Ituporanga	615	814	500	390	723	282	0,86	-36,6	-11,1	-43,6
Rio do Sul	320	854	273	230	1.135	261	0,79	-28,1	32,9	-4,5
São Bento do Sul	140	1.536	215	140	1.536	215	0,65	0,0	0,0	0,0
São M. do Oeste	3.180	1.470	4.673	1908	1.749	3.337	10,12	-40,0	19,0	-28,6
Tijucas	-	-	-	25	1.520	38	0,12	-	-	-
Tubarão	724	1.212	877	202	1.080	218	0,66	-72,1	-10,8	-75,1
Xanxerê	16.760	1.813	30.379	8640	1.800	15.556	47,17	-48,4	-0,7	-48,8
<b>Total geral</b>	<b>33.512</b>	<b>1.713</b>	<b>57.399</b>	<b>19.296</b>	<b>1.709</b>	<b>32.976</b>	<b>100,00</b>	<b>-42,4</b>	<b>-0,2</b>	<b>-42,5</b>

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

Em Santa Catarina, nesta safra, deverá ser registrada a menor área plantada da série histórica acompanhada pela Epagri/Cepa. Em feijão total (soma das áreas de feijão 1ª e feijão 2ª), o ano agrícola 2025/26 deverá ser encerrado com uma área total de 45,9 mil hectares. Os baixos preços recebidos pelos produtores no momento do plantio, a elevação nos custos dos fertilizantes e do diesel, além das incertezas climáticas, foram os fatores determinantes para essa redução na intenção de plantio.

**Figura 1 - Feijão total – SC: Evolução da área plantada de feijão**



Fonte: Observatório Agro Catarinense, 2026

**Erro! Vínculo não válido.**



## Milho

**Haroldo Tavares Elias**

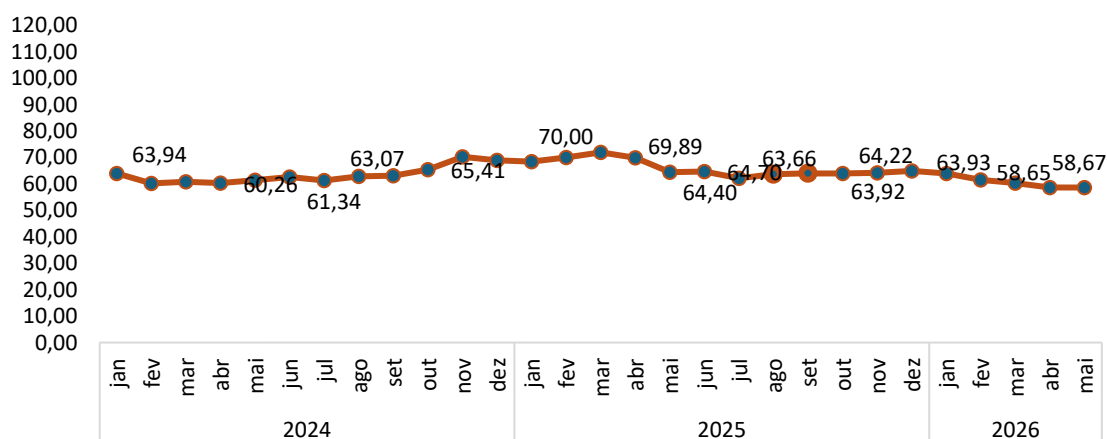
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

### Mercado

O preço médio mensal do milho recebido pelos produtores catarinenses foi de R\$58,67/sc, registrando leve alta de 0,03% nos últimos 30 dias, o que caracteriza um mercado relativamente estável e em compasso de espera pela definição da segunda safra brasileira. As condições climáticas favoráveis nas principais regiões produtoras sustentam a expectativa de uma oferta elevada de milho em 2026, com produção nacional projetada acima de 140 milhões de toneladas<sup>1</sup>. Nesse contexto, a pressão sobre os preços tende a persistir até julho, período de maior concentração da colheita da segunda safra. Por outro lado, fatores como a demanda da indústria de etanol de milho, a ampliação das exportações para a China e outros mercados, além do consumo pelo setor de rações e pecuária, contribuem para limitar quedas mais acentuadas nas cotações. Adicionalmente, a manutenção do dólar em patamares superiores a R\$5,00 poderá favorecer a competitividade das exportações brasileiras, que podem chegar a 46 milhões de toneladas. Os dados do USDA apontam que a produção deve totalizar 1,30 bilhão de toneladas em 2026/27, recuo de 2% em relação à temporada 2024/25. Com isso, os estoques de passagem para o início da safra 2026/27 podem ser de 281 milhões de toneladas, menor volume desde 2022/23.

**Figura 1 - Milho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2024 a mar./2026)**



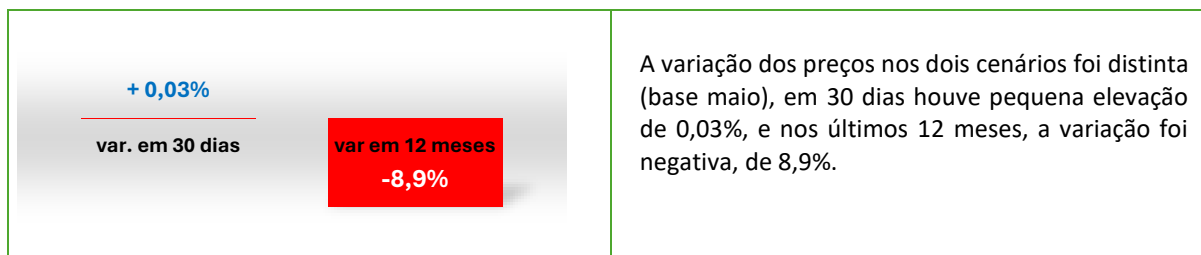
Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

<sup>1</sup> Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.13 – Safra 2025/26, n° 9 – Nono levantamento | junho 2026



## Variação de preços

Figura 2 - Milho – SC: Variação dos preços em 12 meses e 30 dias (base maio/2026)

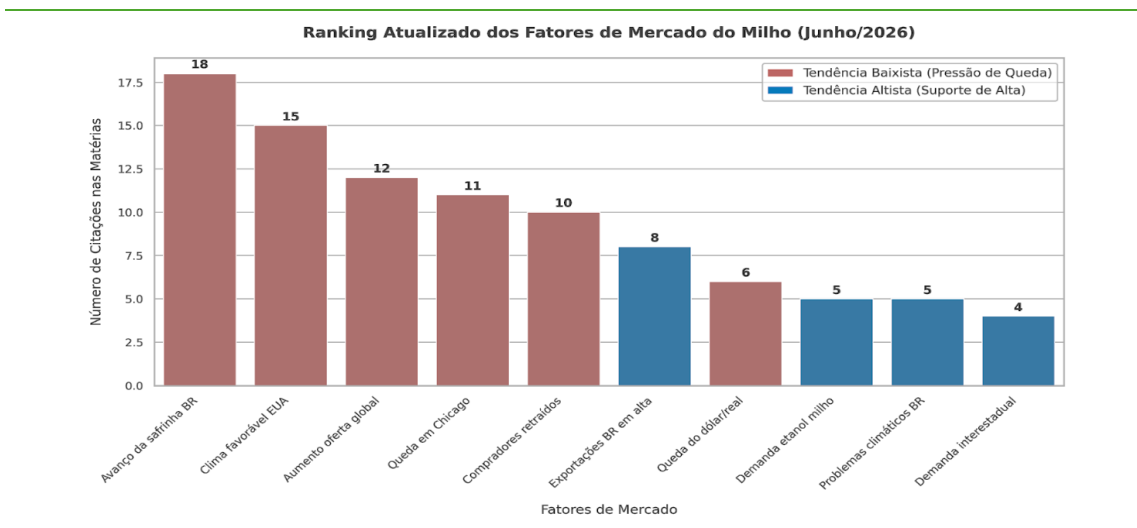


Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

## Fatores e perspectivas de mercado, junho de 2026

O mercado de milho no início de junho de 2026 é dominado por um cenário de pressão sazonal de oferta, causado pela entrada da segunda safra brasileira e pelas boas condições da safra dos EUA. Os fatores que predominam possuem viés baixista de curto prazo. Entretanto, exportações aquecidas, expansão do etanol de milho e aumento da demanda interna criam fundamentos que podem favorecer uma recuperação dos preços no segundo semestre, especialmente após o pico da colheita entre julho e agosto. Chicago tende a permanecer pressionada enquanto o clima norte-americano for favorável, enquanto a B3 poderá encontrar suporte adicional caso as exportações brasileiras acelerem conforme esperado.

Figura 3 - Milho – Mercado: Principais fatores que atuaram no mercado em início de junho de 2026, impacto relativo citados em mais de 50 matérias



Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

## Safra 2025/2026

- A safra de milho **já está concluída** na maior parte do estado.
- **Produtividade e qualidade predominantemente boas**, com destaque para Oeste e Meio-Oeste.

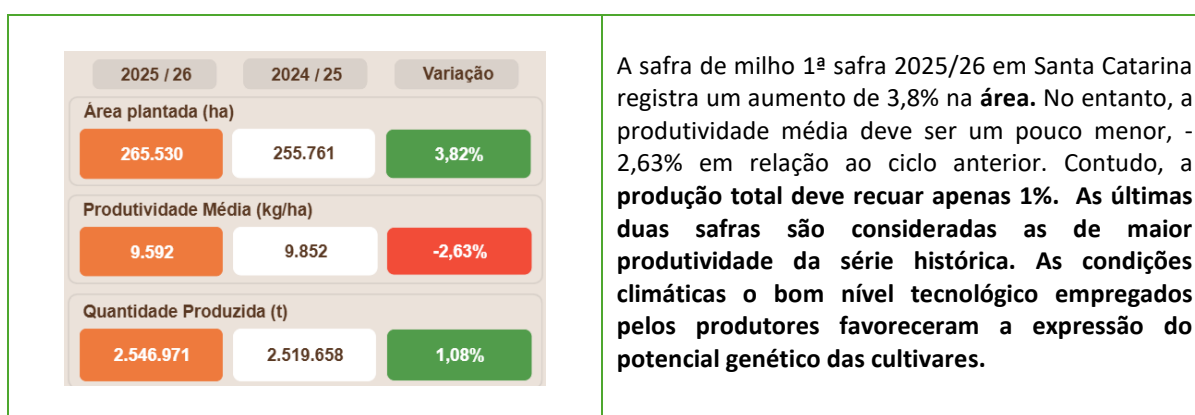


- Estiagem pontuais em alguns municípios do Alto Vale do Itajaí afetam produtividade da segunda safra.
- Relatos de dificuldades de recebimento de grãos em algumas regiões em função do volume da safra. Os estoques remanescentes de safra anterior

A produção do estado total soma 2,67 milhões de toneladas. De modo geral as produções das últimas duas safras no Estado são consideradas relevantes no contexto de amenizar o déficit do produto para o estado, os dados finais da safra serão em junho.

## Primeira safra – milho grão

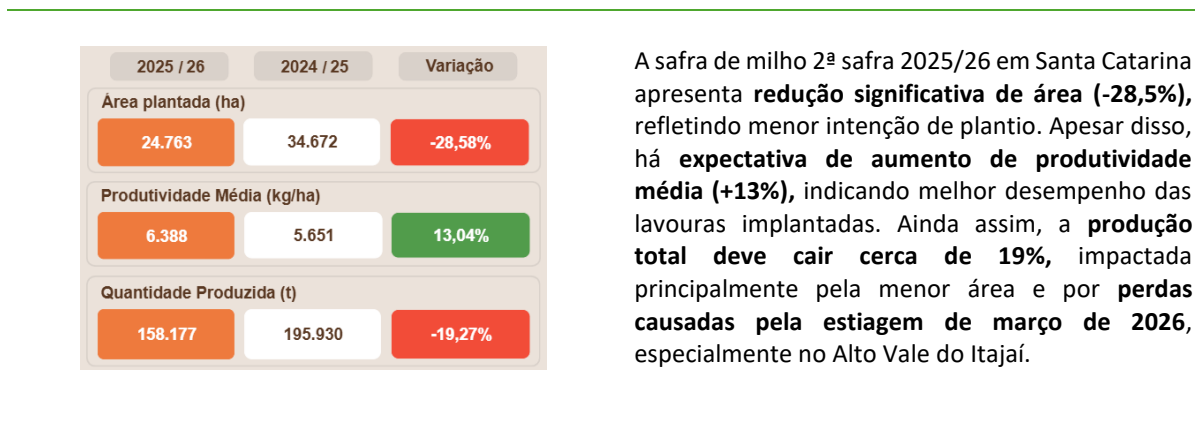
Figura 4 - Milho-grão segunda safra 2025/26: área, produção e rendimento, comparativo com a safra 2024/25



Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

## Segunda safra – milho grão

Figura 5 - Milho-grão segunda safra 2025/26: área, produção e rendimento, comparativo com a safra 2024/25



Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026



## Importações de milho por Santa Catarina

Figura 6 - Milho-grão – Importações por Santa Catarina em 2026, no acumulado até maio de 2026 e comparativo ao mesmo período de 2025



As importações de milho por Santa Catarina em 2026 somaram 52 mil toneladas, no acumulado até maio, 9,8% inferior ao mesmo período do ano anterior.

O valor das importações está inferior ao mesmo período de 2025 em 15,6%. A origem principal das compras é do Paraguai.

Fonte: Observatório do Agro SC. Comex Stat/Mdic, junho/2026

## Exportações de milho por Santa Catarina

Figura 7 - Milho – SC: Exportações por Santa Catarina em 2026, acumulado até maio de 2026 – Comparativo ao mesmo período do ano anterior – 2025



Apesar de déficit relevante do cereal para o estado (cerca de de 6 milhões de toneladas por ano) necessárias para as cadeias produtivas de suínos, aves e bovinos; O estado exportou em 2026, o volume de 73 mil toneladas de milho em grão, 54% superior ao mesmo período anterior (2025).

Em termos de valor, representou 19,3 milhões de dólares, 67,6% superior ao período do ano anterior. As origens destas exportações são de regiões produtoras mais próximas dos portos do estado, onde os preços são mais atrativos que o mercado interno, em função da logística.

Fonte: Comex Stat/Mdic, junho/2026

Elaboração: Epagri/Cepa.

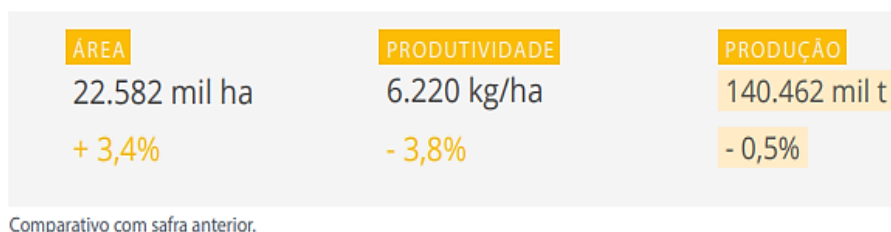
## Safra Nacional

A Conab<sup>2</sup> eleva a projeção da produção brasileira, a produção total, somando as três safras, está estimada em 140,5 milhões de toneladas, redução de 0,5% em relação à safra anterior. A atual safra repete o bom desempenho do período anterior.

2CONAB: Acomp. safra brasileira de grãos, Brasília, DF, v.13 – Safra 2025/26, no 9 - Nono levantamento, p. 1-137, junho 2026



**Figura 8 - Milho – Brasil: Área, produtividade e produção nacional**



Fonte: Conab, junho/2026

### Safra Mundial

- O consumo mundial de milho para ração e uso residual deve crescer mais de 1%, alcançando cerca de 1,32 bilhões de toneladas.
- China, Índia e Vietnã lideram o aumento da demanda por milho.
- A Índia amplia fortemente sua produção e consumo para atender à expansão da indústria de etanol e do setor avícola.
- O Vietnã deverá registrar o maior crescimento das importações de milho para abastecimento da indústria de rações.
- O uso industrial do milho para produção de etanol continua em expansão, especialmente no Brasil e na Índia.
- Apesar da queda da produção mundial de grãos, estoques de passagem elevados sustentam a oferta no início da temporada 2026/2027.
- Os estoques finais globais de milho deverão cair cerca de 7% em 2026/27, refletindo um crescimento da demanda superior ao da oferta a médio prazo.

**Tabela 1 – Milho – Mundial: produção, consumo e estoque final**

Safra	Produção Mundial	Consumo Mundial	Estoque Final Mundial
2022/23	1.165,5	1.175,1	303,7
2023/24	1.231,2	1.221,0	313,9
2024/25	1.233,2	1.251,1	296,0
2025/26	1.326,7	1.319,3	303,4
2026/27 (jun./26)	1.300,4	1.322,5	281,2

Fonte: USDA, junho/2026



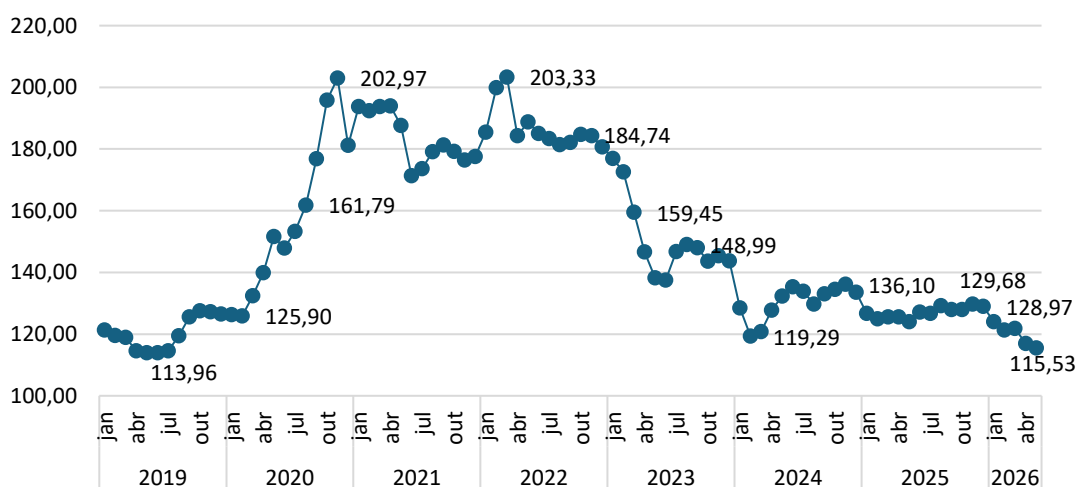
## Soja

**Haroldo Tavares Elias**  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

### Mercado da soja

Em maio a cotação do preço médio da soja ao produtor apresenta queda de 1,2% em 30 dias (Figura 1 e 2), registro de R\$115,53/sc, menor cotação desde 2019. A safra volumosa no Brasil de 180 milhões de toneladas<sup>1</sup> o clima favorável no início de plantio nos Estados Unidos eleva a oferta global da oleaginosa. O conflito no Oriente médio (alta do petróleo/óleo de soja) tem sido o principal fator das instabilidades do mercado. O relatório do USDA<sup>3</sup> de maio/26 elevou a produção mundial de soja de 427,6 para 441,5 milhões de tonelada, informação está pressionando os preços no momento.

**Figura 1 - Soja-SC – Evolução do preço médio real mensal ao produtor por saca de 60Kg – (2019 a abr./2026) – Preços corrigidos IGP-DI**



Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

<sup>3</sup> Foreign Agricultural Service/USDA 2 June 2026 Global Market Analysis.



## Variação dos preços

**Figura 2 - Soja – SC: Variação dos preços médio real mensal ao produtor em 30 dias e 12 meses (base abril/2026)**



A variação dos preços apresentou retração nos dois cenários: em 30 dias (base abril-2026) foi de 4%, e nos últimos 12 meses a variação foi negativa de 6,9% em relação a abril de 2025.

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

## Perspectivas para o Mercado Futuro de Soja – junho

A correlação de forças em junho de 2026 aponta para uma dissociação clara entre o comportamento do mercado de balcão/futuro internacional e a realidade física no Brasil.

### Bolsa de Chicago (CBOT)

Tendência: Baixista no curto prazo, com suporte técnico associado à energia.

**Fundamentos:** O viés predominante na CBOT é de baixa (soja recuou por oito dias consecutivos) e opera em patamares de suporte perto dos US\$11,20/bushel). O principal fator é o clima favorável nos EUA. Sem ameaças climáticas no curto prazo (mercado de clima americano), os fundos de investimento tendem a ficar vendidos ou a liquidar posições compradas.

**Fatores de Sustentação (Teto para as quedas):** A volatilidade do petróleo devido às tensões geopolíticas e a firmeza do óleo de soja (puxado pelo biodiesel) devem evitar um colapso completo dos preços, motivando "compras de barganha" e recuperações técnicas momentâneas.

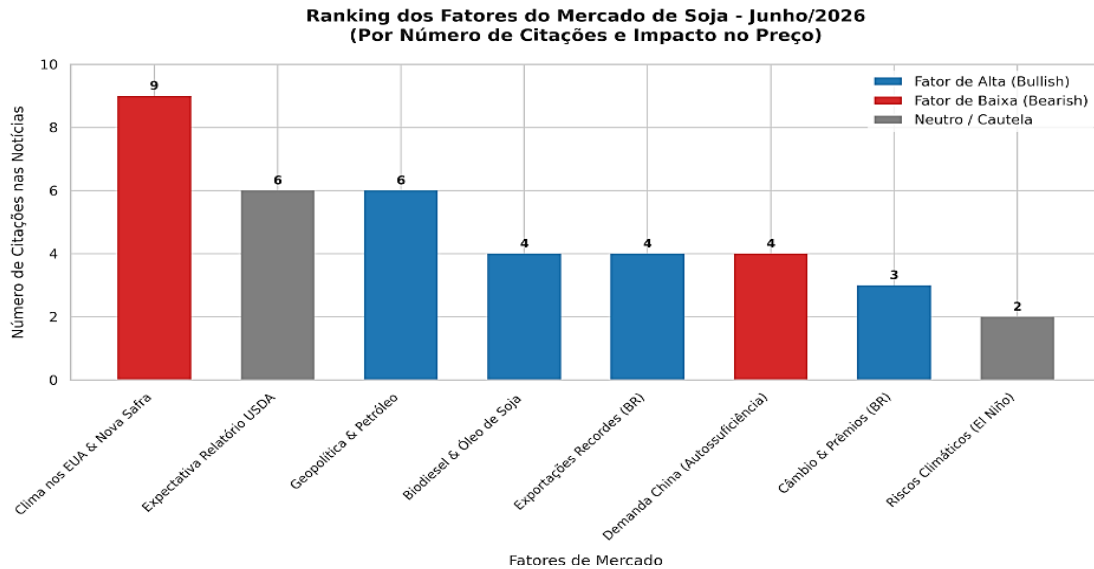
### Bolsa B3 e Mercado Físico Brasileiro

Tendência: Estabilidade com viés de sustentação lateralizada (resiliência doméstica)

Fundamentos: Ao contrário do tom baixista de Chicago, a soja no Brasil demonstra forte resiliência. O Indicador Cepea/Esalq operou firme na faixa de R\$130,00 a R\$130,85 por saca. Embora a queda em Chicago "trave os negócios" e reduza o ímpeto comprador em alguns dias, os preços não despencam na mesma proporção no mercado físico. Os Pilares Nacionais: volume de exportações já realizadas no ano (com o país já tendo escoado mais de 55 milhões de toneladas no acumulado do ano) e a demanda interna das indústrias esmagadoras (biodiesel e farelo para proteína animal) segue extremamente aquecida.



**Figura 3 - Soja – Mercado: principais fatores que atuaram no mercado em início de junho de 2026, impacto relativo citados em mais de 50 matérias**



Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026  
Auxílio: Gemini, ChatGPT, Grok IA, Google alerta.

### Safra Catarinense 2025/2026 – safra total (1ª e 2ª safras)

A safra atual foi caracterizada pela queda da produtividade nas duas safras. Diminuição da área de cultivo na primeira safra. Mesmo com o aumento da área cultivada na segunda safra, a produção **total** caiu de **3,27** para **3,09 milhões de toneladas**, retração de **5,2%**. Contudo, a produção é considerada com bom desempenho.

#### Primeira Safra

**Figura 4 - Soja 1ª safra – Área, produção e rendimento. Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26**

2025 / 26	2024 / 25	Variação
<b>Área plantada (ha)</b>		
758.987	770.529	-1,50%
<b>Produtividade Média (kg/ha)</b>		
3.848	4.055	-5,10%
<b>Quantidade Produzida (t)</b>		
2.920.341	3.124.178	-6,52%

A primeira safra de soja 2025/26, teve retração da área plantada de 1,5%. Mais de 758 mil hectares foram cultivados. No atual relatório, aponta para redução de 5,1% na produtividade em relação à safra anterior. A diminuição da área e da produtividade refletem na produção estadual nesta safra em -6,5%.

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras – Infoagro



## Segunda Safra

Figura 5 - Soja 2ª safra – Área, produção e rendimento – Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26

2025 / 26	2024 / 25	Variação
<b>Área plantada (ha)</b>		
72.056	59.303	21,50%
<b>Produtividade Média (kg/ha)</b>		
2.408	2.538	-5,13%
<b>Quantidade Produzida (t)</b>		
173.481	150.495	15,27%

A segunda safra se caracteriza pelo plantio em sucessão ao milho grão e milho silagem na região oeste e sul do estado. No alto Vale do Itajaí o plantio acontece após cultivo da cebola, A segunda safra de soja 2025/26, teve aumento significativo na área plantada de 21,4%. Mais de 72 mil hectares foram cultivados. No atual relatório, aponta para redução de 5,1% na produtividade em relação à safra anterior. O aumento da área cultivada reflete no aumento da produção estadual nesta safra em 15,2%.

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras – Infoagro

## Exportações de soja por Santa Catarina 2026

Figura 6 - Soja – SC: Exportações por Santa Catarina em 2026, acumulado até abril de 2026 – Comparativo ao mesmo período do ano anterior – 2025



No acumulado do ano, até maio/26, foram exportadas 413 mil toneladas de soja-grão, 16,6% superior ao mesmo período anterior (2025).

Em termos de valor, representou 187,7 milhões de dólares, 31% superior ao período do ano anterior.

Fonte: Comex Stat/Mdic, junho/2026

Elaboração: Epagri/Cepa.

## Safra Nacional

A Conab<sup>4</sup> estima em 48,5 milhões de hectares de área plantada na atual safra 2025/26, crescimento de 2,9%, sobre a safra anterior, com produção recorde prevista em 179 milhões de toneladas (Figura 6), que confere volume de 4,5% superior ao período anterior. A tecnologia aplicada e as condições climáticas no período favoreceram o desenvolvimento das lavouras.

<sup>4</sup> Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.13 – safra 2025/26, n° 7 – Sétimo levantamento | junho 2026.



**Figura 7 - Soja – Brasil: área, produção e rendimento – Safra 2024/25, comparativo safra 2025/26**

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
48.563,3 mil ha	3.712 kg/ha	180.252,7 mil t
+2,9%	+2,5%	+5,1%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

Fonte: CONAB, acompanhamento de safra, junho/2026

### Safra mundial (USDA, junho/2026)

**Figura 8 - Soja – Mundial: Produção, consumo e estoque final – em milhões de toneladas**

Safra	Produção	Consumo	Estoque Final	
2022/23	248,4	247,0	14,2	O crescimento da <b>produção mundial (+20,8%)</b> supera ligeiramente o crescimento do consumo (+19,5%).
2023/24	259,9	255,1	14,3	
2024/25	281,7	272,8	17,9	O estoque final é o maior desde 2022/23
2025/26	291,3	286,4	19,2	
2026/27	300,2	295,2	20,1	

Fonte: USDA – Junho/2026

Elaboração: Epagri/Cepa

### Interpretação para o Mercado

- O crescimento da **produção mundial (+20,8%)** supera ligeiramente o crescimento do consumo (+19,5%).
- Os **estoques finais aumentam mais de 40%** nos últimos cinco anos, indicando uma situação estruturalmente mais confortável de oferta.
- Apesar da forte demanda da China e do Sudeste Asiático, o aumento da industrialização da soja no Brasil, EUA e Argentina mantém o mercado abastecido.
- Do ponto de vista fundamental, o relatório de junho/2026 apresenta um viés **levemente baixista para o farelo de soja no médio prazo**, devido ao crescimento dos estoques globais, embora eventos climáticos na América do Sul e na Ásia possam gerar volatilidade de curto prazo.



## Trigo

**João Rogério Alves**

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

### Mercado

No mercado brasileiro, os preços da saca de trigo recebido pelos produtores seguem em movimento altista. Em Santa Catarina no mês de maio, alta de 5,0%, fechando o mês em R\$65,59 sc/60kg. Na variação anual, queda de 15,49%. No Rio Grande do Sul, o preço médio mensal registrou uma variação positiva de 6,79%. No Paraná, no mercado-balcão, variação mensal de 2,79%.

**Tabela 1 - Trigo (Pão, PH 78, tipo 1) – Comparativo de preços pagos ao produtor (R\$/sc 60kg)**

Estado	Abril/26	Maior/26	Variação mensal (%)	Maior/25	Variação anual (%)
Santa Catarina	62,45	65,59	5,03	77,61	-15,49
Goiás	82,91	88,29	6,49	85,55	3,20
Minas Gerais	85,77	89,43	4,27	100,20	-10,75
Mato Grosso do Sul	69,18	70,24	1,53	77,73	-9,64
Rio Grande do Sul	60,25	64,34	6,79	71,42	-9,91
Paraná	65,88	67,72	2,79	79,69	-15,02

**Erro! Vínculo não válido.** Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (GO, MG, MS, RS), Deral (PR), junho/2025

Importante destacar que o Brasil depende de importações de trigo, comprando fortemente da Argentina, e da precificação da commodity pelo mercado de Chicago. Com isso, o preço no mercado interno (R\$/tonelada) acompanha a paridade de importações, que por sua vez, resulta da multiplicação da cotação internacional pela taxa de câmbio somada ao frete marítimo e taxas portuárias. Por outro lado, o clima interfere diretamente no resultado final da produção agrícola, sendo um fator importante, assim como o preço, para o planejamento das safras.

Nesse momento, os problemas enfrentados pela safra estadunidense têm contribuído para precificar as cotações do trigo. Em maio, as lavouras de trigo norte-americanas enfrentaram uma situação crítica. Afetadas severamente por um longo período de seca e danos por geadas às plantações, que apresentam um dos piores cenários já registrados. De acordo com o USDA, a condição das lavouras oscilou em níveis preocupantes durante o mês de maio. Boas a excelentes, apenas 26% a 27% das áreas; ruins a muito ruins, alcançaram 40% a 44% das lavouras. Esse quadro de quebra de safra resultou na projeção de menor colheita de trigo de inverno desde 1965, resultando num forte impacto altista nos preços do grão na Bolsa de Chicago, que atingiram seus maiores valores em quase dois anos.

Na Argentina, nosso principal fornecedor de trigo, medidas de redução de tarifas de exportação anunciadas pelo presidente Javier Milei estão estimulando a produção de grãos, com destaque para o trigo, que teve uma redução de dois pontos percentuais, de 7,5% para 5,5% e começa a



valer a partir de junho. Com isso, o setor exportador argentino celebrou a medida e disse que ela é o melhor caminho para ampliar a produção e a receita.

Aqui no Brasil, o cenário é de melhora nos preços médios. Além das cotações internacionais, os aumentos de preço estão relacionados à falta de produto de qualidade superior e a forte redução na intenção de plantio por parte dos produtores. Conforme avança as operações de plantio no Paraná e no Rio Grande do Sul, de área semeada que vem sendo confirmada demonstra uma forte redução da área plantada. Ao que tudo indica, ao final da safra, diante de uma menor oferta interna, deveremos ter preços melhores pela saca do trigo.

### Safra Brasileira

No Paraná, no dia 25/05 o plantio do trigo chegou a 61% da área esperada. Segundo o Deral/PR, as lavouras encontram-se em germinação (31%) e desenvolvimento vegetativo (69%), com bom estabelecimento inicial favorecido pela umidade do solo. No entanto, observa-se tendência de redução de área cultivada e menor investimento tecnológico em parte do estado. As condições climáticas, apesar de períodos de excesso de umidade, têm sido, em geral, favoráveis ao desenvolvimento inicial da cultura.

Já no Rio Grande do Sul, segundo a Emater/RS, a semeadura do trigo está em fase inicial, acompanhando a abertura do Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC). As condições de tempo seco favoreceram as operações de manejo de resteva, dessecação e preparo das áreas, permitindo o avanço inicial da implantação das lavouras. O cenário para a safra 2026 sinaliza redução expressiva da área cultivada em relação ao ciclo anterior devido à combinação de fatores, como elevados custos de produção, baixa atratividade econômica do cereal e aumento da percepção de risco produtivo, associado à atuação do fenômeno *El Niño* durante o inverno e a primavera.

Conforme o oitavo levantamento do Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, safra 2025/26, a produção de trigo apresenta retração, refletindo principalmente a redução da área semeada nos principais estados produtores da região Sul. Segundo a companhia, em comparação a safra anterior, a área plantada deverá reduzir 12,5%, totalizando 2,14 milhões de hectares. A produtividade média também deverá cair 7,3%, chegando a 2.985kg/ha. Como resultado, deveremos ter uma safra 18,9% menor, com uma produção esperada de 6,39 milhões de toneladas. Em relação ao desenvolvimento das lavouras, em todo país, até o final de maio, 41% da área destinada ao cultivo do cereal já havia sido semeada. Dessa área, cerca de 60% encontrava-se em fase de desenvolvimento vegetativo, 33% em emergência e 4,7% em fase de floração.

### Safra Catarinense

A cultura do trigo é a principal lavoura de grãos de inverno em Santa Catarina. O seu cultivo normalmente ocorre em sucessão às culturas de verão, onde é muito comum a utilização do sistema de produção de plantio direto. Nesse sistema, a rotação de culturas, quando realizada adequadamente, deixa na superfície do solo os restos culturais do trigo, que além de proteger da erosão, mantém o solo úmido nos períodos de estiagem, entre outros benefícios que serão aproveitados pela cultura de verão em sucessão. Em nosso, estado, a janela de plantio vai do



segundo decêndio de maio até o segundo decêndio de julho, mas com maior concentração no segundo semestre de junho.

Neste mês estamos apresentando as estimativas iniciais para a safra 2026/27 de trigo em Santa Catarina. Como já havíamos anunciando, foi registrada uma forte redução na área plantada, as maiores reduções foram observadas na Região Agro do Sul Catarinense, por se tratar de uma região onde não há tradição do cultivo do cereal, os produtores reduziram drasticamente a intensão de plantio. Para Microrregiões tradicionais no cultivo do trigo como Chapecó e Xanxerê, que juntas deverão responder por praticamente 40% da produção estadual, verificamos uma redução na área plantada de 10,7% e 45,4%, respectivamente. No Extremo Oeste, a redução estimada é de 16,7%, enquanto nas MRG's de Curitibaanos e Joaçaba, as reduções esperadas são de 30,2% e 35,6%, respectivamente.

Para a safra 2026 (2026/27), a área plantada de trigo para Santa Catarina sofreu uma redução de 27,1%, passando de 104,5 mil hectares, para 76,2 mil hectares. Da mesma forma, a produtividade média deverá reduzir aproximadamente 2,8%. Com isso, nossas estimativas apontam para uma produção de 271,5 mil toneladas, volume que representa uma redução de 29,1%, em relação à safra anterior. Até o final de maio, aproximadamente 3% da área destinada ao cultivo do cereal estava planta.

**Tabela 2 - Trigo – Comparativo de safras**

Microrregião	Safra 2025/2026			Estimativa Safra 2026/2027				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	567	3.098	1.756	-	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	3.680	3.455	12.714	2.525	3.582	9.045	3,33	-31,39	3,68	-28,86
Canoinhas	16.700	3.488	58.245	13.170	3.485	45.893	16,91	-21,14	-0,09	-21,21
Chapecó	22.208	3.538	78.562	19.825	3.410	67.600	24,90	-10,73	-3,61	-13,95
Concórdia	2.310	4.052	9.361	1.855	4.073	7.556	2,78	-19,70	0,51	-19,29
Criciúma	419	3.157	1.323	65	2.808	183	0,07	-84,49	-11,07	-86,20
Curitibaanos	15.750	4.577	72.083	10.990	4.183	45.969	16,93	-30,22	-8,61	-36,23
Ituporanga	1.190	2.399	2.855	510	2.375	1.211	0,45	-57,14	-1,03	-57,58
Joaçaba	7.540	3.875	29.216	4.855	3.863	18.754	6,91	-35,61	-0,31	-35,81
Rio do Sul	1.125	2.470	2.779	1.125	2.310	2.599	0,96	0,00	-6,48	-6,48
São Bento do Sul	700	3.343	2.340	560	3.343	1.872	0,69	-20,00	0,00	-20,00
São M. do Oeste	11.120	3.552	39.504	9.260	3.522	32.610	12,01	-16,73	-0,87	-17,45
Tabuleiro	57	3.100	176,7	50	3.000	150	0,06	-12,28	-3,23	-15,11
Tubarão	401	3.008	1.206	50	2.500	125	0,05	-87,53	-16,90	-89,64
Xanxerê	20.780	3.415	70.954	11.350	3.339	37.899	13,96	-45,38	-2,21	-46,59
<b>Santa Catarina</b>	<b>104.547</b>	<b>3.664</b>	<b>383.075</b>	<b>76.190</b>	<b>3.563</b>	<b>271.464</b>	<b>100,00</b>	<b>-27,12</b>	<b>-2,76</b>	<b>-29,14</b>

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

## Aveia

O Sistema de Monitoramento de Safras da Epagri/Cepa também realiza o levantamento das estimativas de safra para outros dois cereais de inverno, que são: a aveia e a cevada. Essas duas culturas estão distribuídas nas principais regiões produtoras de trigo no estado, e possuem um comportamento bastante semelhante no que se refere a época de plantio e colheita, bem como ao manejo e controle fitossanitário. A área de aveia acompanhada pelo Sistema de Monitoramento é aquela onde o cultivo da lavoura tem como finalidade a produção de grãos e não pastagem. A produção da aveia grão, utilizada como semente, tem como principal destino a



cobertura de solos em lavouras temporárias e permanentes, além da produção de pastagem de inverno para a pecuária de corte e leite.

Para a safra 2026/27, a produção de aveia estimada inicialmente é de 60,2 mil toneladas, crescimento de 12,8% em relação à safra anterior. A área cultivada deverá ser de 36,9 mil hectares, número que representa um crescimento de 12,3%. Cabe destacar que o crescimento de área se deve, sobretudo, a incorporação de novas áreas em nosso acompanhamento, com destaque para os municípios da Região Agro do Planalto Sul Catarinense.

## Cevada

Do total de áreas com cultivo de cevada no mundo, cerca de 70% está direcionada a alimentação animal. No Brasil, o cultivo sempre teve como objetivo a produção de cevada cervejeira, cuja produção atende apenas 30% da demanda da indústria instalada no País. O clima, a genética e as práticas de manejo corretas, são os fatores determinantes para a produção de cevada com o padrão de qualidade para malteação, particularmente em relação ao poder germinativo, ao tamanho do grão, ao teor de proteínas e à sanidade de grãos.

A produção brasileira de cevada está concentrada nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, para a safra 2026/27, deveremos plantar apenas 500ha, um crescimento de 13,6% em relação ao ano passado. Nossa produção estadual ainda é pequena, nessa próxima safra deveremos colher aproximadamente 2.100 toneladas, crescimento de 3,8%.

**Tabela 3 – Aveia e Cevada – Comparativo de safras**

Microrregião	Safra 2025/2026			Estimativa Safra 2026/2027				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtiv	Produção
	<b>Aveia</b>									
Campos de Lages	2.200	2.400	5.280	4.530	2.224	10.073	16,7	105,9	-7,3	90,8
Canoinhas	2.620	1.141	2.990	2.640	1.140	3.010	5,0	0,8	-0,1	0,7
Chapecó	4.845	1.227	5.943	4.910	1.301	6.389	10,6	1,3	6,1	7,5
Curitibanos	3.100	2.627	8.145	2.300	2.309	5.310	8,8	-25,8	-12,1	-34,8
Joaçaba	980	2.232	2.187	1.230	2.286	2.812	4,7	25,5	2,4	28,6
São Bento do Sul	160	1.000	160	160	1.000	160	0,3	0,0	0,0	0,0
São Miguel do Oeste	3.655	1.252	4.577	3.930	1.582	6.216	10,3	7,5	26,3	35,8
Xanxerê	15.325	1.573	24.108	17.225	1.525	26.275	43,6	12,4	-3,0	9,0
<b>Santa Catarina</b>	<b>32.885</b>	<b>1.624</b>	<b>53.389</b>	<b>36.925</b>	<b>1.632</b>	<b>60.245</b>	<b>100,0</b>	<b>12,3</b>	<b>0,5</b>	<b>12,8</b>
<b>Cevada</b>										
Campos Novos	440	4.620	2.024	500	4.200	2.100	100,0	13,6	-9,1	3,8
<b>Santa Catarina</b>	<b>440</b>	<b>4.620</b>	<b>2.024</b>	<b>500</b>	<b>4.200</b>	<b>2.100</b>	<b>100,0</b>	<b>13,6</b>	<b>-9,1</b>	<b>3,8</b>

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026



## Hortalças

**Alho** .....37

**Cebola** .....41



## Alho

**Lillian Bastian**

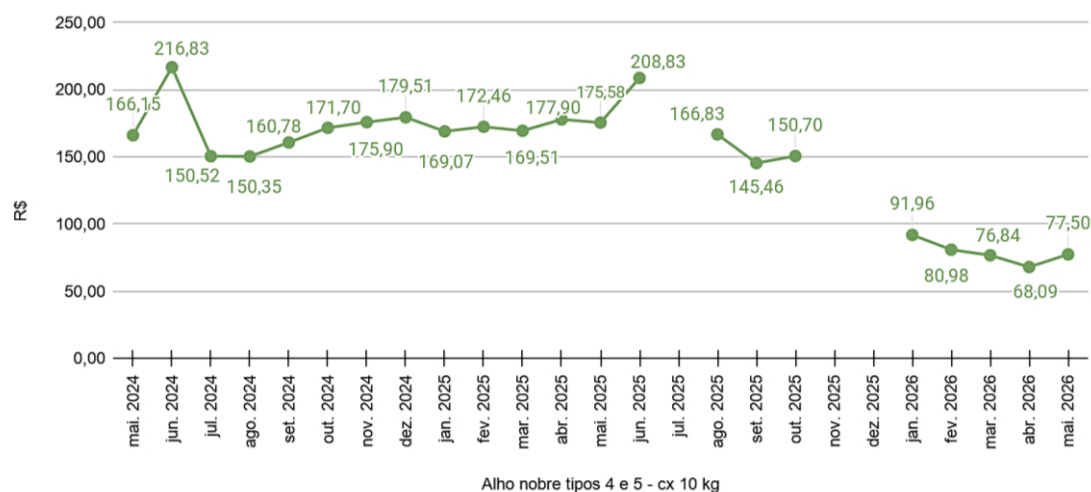
Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

[lillianbastian@epagri.sc.gov.br](mailto:lillianbastian@epagri.sc.gov.br)

### Mercado – Preço ao produtor e no mercado atacadista

A porcentagem comercializada do alho catarinense durante o mês de maio passou para 90%. O preço do alho recuperou-se ligeiramente com cotação de R\$7,75 o quilo. Esse valor é 14% superior àquele de abril e 56% inferior àquele de maio de 2025, quando os valores eram de R\$6,80 e R\$17,55 o quilo, respectivamente, em valores reais. Na Figura 1 consta o preço médio da caixa de 10 quilos para um período de dois anos. As lacunas na linha do gráfico indicam os momentos em que não houve comercialização do alho pelo produtor.

**Figura 1 - Alho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor (maio/2024 a maio/2026)**



Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

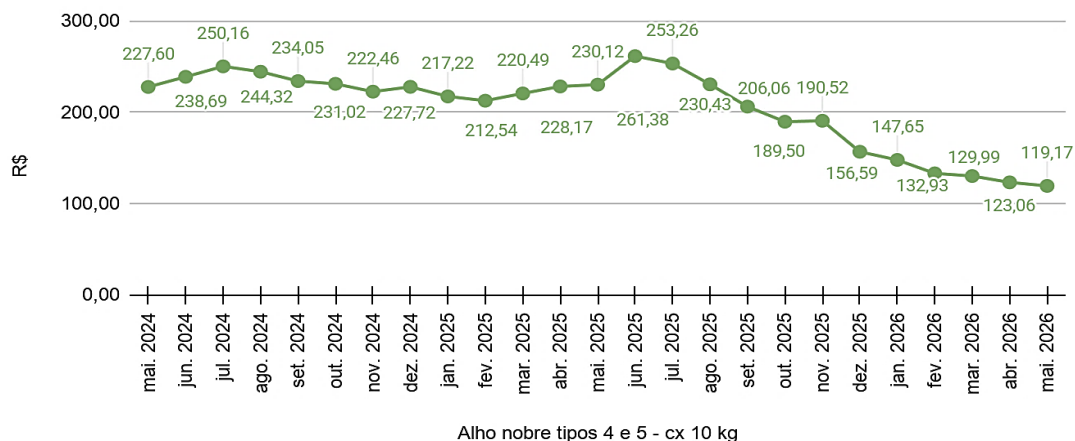
Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

A reação do preço ao alhicultor evidencia uma tendência já verificada em anos anteriores: maio é um mês em que, costumeiramente, ocorre aumento nos valores pagos ao produtor. Se a linha do gráfico manter o mesmo comportamento registrado para o mês de junho dos anos de 2024 e 2025, para o próximo mês espera-se novo aumento.

No atacado o comportamento dos preços registrou nova queda com redução de 3% no comparativo com o mês de abril, saindo de R\$12,30 para R\$11,91. No comparativo com o mesmo mês do ano passado, a redução foi de 48%, dado que o preço naquele mês estava em R\$23,01. A Figura 2 traz os preços da caixa de 10 quilos de alho nobre, tipos 4 e 5, no segmento da cadeia produtiva posterior ao produtor.



**Figura 2 - Alho – SC: evolução do preço médio mensal ao atacado – (maio/2024 a maio/2026)**



Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Analisando-se os preços pagos aos produtores e no atacado nas três últimas safras, constata-se que a safra atual tem sido aquela cujo retorno tem sido o menor, mesmo com produtividade, padrão e sanidade considerados excepcionais. Diante de tal cenário, os alhicultores não encontram outra saída senão a redução das áreas destinadas à produção do alho e a diversificação produtiva.

### Safra Catarinense

A safra do alho 2025/26 foi de excelente produtividade e qualidade. No entanto, o escoamento foi prejudicado pelo excesso de oferta de produto estrangeiro proveniente, principalmente, da Argentina e pela comercialização simultânea de alho originário do Centro-Oeste brasileiro, armazenados em câmaras frias. Esse cenário resultou na redução dos preços pagos aos produtores e comprometeu a rentabilidade da atividade, levando muitos agricultores a reduzir os investimentos e a área de plantio para a safra atual. Diante deste cenário, os agricultores projetam redução da área e diversificação produtiva. Conforme a tabela a seguir, a estimativa inicial de produção de alho em Santa Catarina para a safra 2026/27 indica uma redução da área em 13%. Na safra passada foram colhidos 747 hectares e na atual há uma projeção de plantio em 647 hectares.



**Tabela 1 - Alho – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2025/26 e 2026/27**

Microrregião	Safra 2025/26			Estimativa Safra 2026/27				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Campos de Lages	16	9.938	159	16	9.313	149	2,04%	0	-6,29	-6,29
Curitibanos	405	11.894	4.817	361	10.960	3.957	54,23%	-10,86	-7,85	-17,86
Joaçaba	326	11.847	3.862	270	11.815	3.190	43,73%	-17,18	-0,27	-17,4
<b>Total geral</b>	<b>747</b>	<b>11.831</b>	<b>8.838</b>	<b>647</b>	<b>11.276</b>	<b>7.296</b>	<b>100,00%</b>	<b>-13,39</b>	<b>-4,69</b>	<b>-17,45</b>

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

A produtividade esperada é, aproximadamente, 5% inferior à da safra passada, indo de 11.831 quilos por hectare para 11.276. Já a produção esperada é em torno de 17% inferior. Na safra passada foram colhidas 8.838 toneladas e na safra que está iniciando espera-se colher 7.295 toneladas. A principal microrregião produtora é Curitibanos com 56% da área, seguida por Joaçaba e Campos de Lages. Ao todo, está previsto o plantio do alho em 11 municípios. Mesmo número da safra passada. Os principais municípios produtores são Fraiburgo e Frei Rogério, ambos com 26% da área, e Curitibanos com 22%. A metodologia adotada pela Epagri/Cepa pressupõe que o município tenha, no mínimo, uma área total comercial de um hectare.

Do ponto de vista climático e fitossanitário, há previsão de ocorrência de períodos de chuvas acima da média durante o desenvolvimento vegetativo da cultura. Essas condições aumentam o risco de encharcamento do solo, perdas por erosão e ocorrência de doenças bacterianas, que podem comprometer significativamente a produtividade e a qualidade dos bulbos. Diante desse cenário, recomenda-se que os produtores priorizem áreas com boa drenagem natural e baixo risco de alagamento, realizem a construção de canteiros mais elevados para facilitar o escoamento da água, adotem práticas de conservação do solo e manejem adequadamente as entrelinhas. Também é fundamental intensificar o monitoramento das lavouras e adotar medidas preventivas, incluindo o uso de material propagativo de qualidade, a eliminação de focos de contaminação e a adoção de práticas que reduzam o excesso de umidade nas áreas cultivadas.

## Importações

A quantidade de alho importado aumentou em, aproximadamente, 36% no comparativo com o mês passado. Já quando os dados de maio deste ano são confrontados com os de maio de 2025, verifica-se elevação de em torno de 10%.

Conforme os dados disponíveis na Tabela 2, é possível afirmar que os maiores volumes são incorporados ao país de dezembro à junho. A partir de julho as quantidades introduzidas começam a regredir. Entre os anos de 2024 e 2025 o mês com a menor grandeza importada é outubro.


**Tabela 2 - Alho – Brasil: evolução do volume das importações mensais – (jan./2024 a mai./2026)**

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	14,89	15,77	15,87	16,36	16,67	13,27	12,94	7,96	1,98	4,62	6,39	18,87	<b>145,57</b>
2025	15,32	14,62	15,97	20,11	17,74	15,25	10,48	8,3	10,73	4,43	4,69	21,14	<b>158,78</b>
2026	13,76	17,74	16,66	14,28	19,47	-	-	-	-	-	-	-	<b>81,91</b>

Fonte: Comex Stat/MDIC, junho/2026. Em mil toneladas

A grande quantidade de alho importado está relacionada com a disponibilidade do produto em outros países e com a inexistência de medidas alfandegárias que dificultem a entrada do produto diante de um cenário de relativo abastecimento com produto de origem interna.

O custo da importação do alho pelo país em maio está estimado em US\$25,12 milhões. Esse montante de recursos é 36% superior ao volume despendido em abril e praticamente iguala-se ao volume despendido em maio de 2025, sendo superior em apenas 0,3%.

O volume de recursos segue o mesmo padrão que a quantidade incorporada. Se intensifica a partir de dezembro e segue em patamares relativamente estáveis até junho, iniciando um arrefecimento em julho e apresentando os menores dispêndios entre setembro e outubro.

**Tabela 3 - Alho – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a mai./2026)**

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	16,34	17,83	20,48	24,1	24,33	18,14	16,1	8,94	2,51	5,62	7,48	25,65	<b>187,5</b>
2025	21,41	21,04	22,45	26,73	25,05	24,13	12,35	8,66	11,24	4,58	5,68	28,1	<b>211,42</b>
2026	17,64	20,83	20,11	18,45	25,12	-	-	-	-	-	-	-	<b>102,15</b>

Fonte: Comex Stat/MDIC, junho/2026. Valores nominais em milhões de dólares americanos

Entre maio e abril, houve constância no preço pago ao quilo do alho importado. O preço médio para ambos os meses foi de US\$1,29. Já em maio de 2025 o alho foi adquirido a US\$1,41, que é 9% superior ao preço praticado nos últimos meses. Aliás, o preço mensal médio do alho importado em 2026 é inferior em todos os meses quando comparado com 2025.

O alho importado em maio é originário, principalmente, da Argentina (70%) e da China (29%). Uma porcentagem remanescente adveio do Chile e do Egito. O custo variou entre os países, sendo o do alho do Chile adquirido pelo menor valor (US\$0,70 o quilo). Já o de maior valor é o do Egito (US\$1,41). O alho da Argentina ingresso a um custo de US\$1,38 e da China a US\$1,08.



## Cebola

**Lillian Bastian**

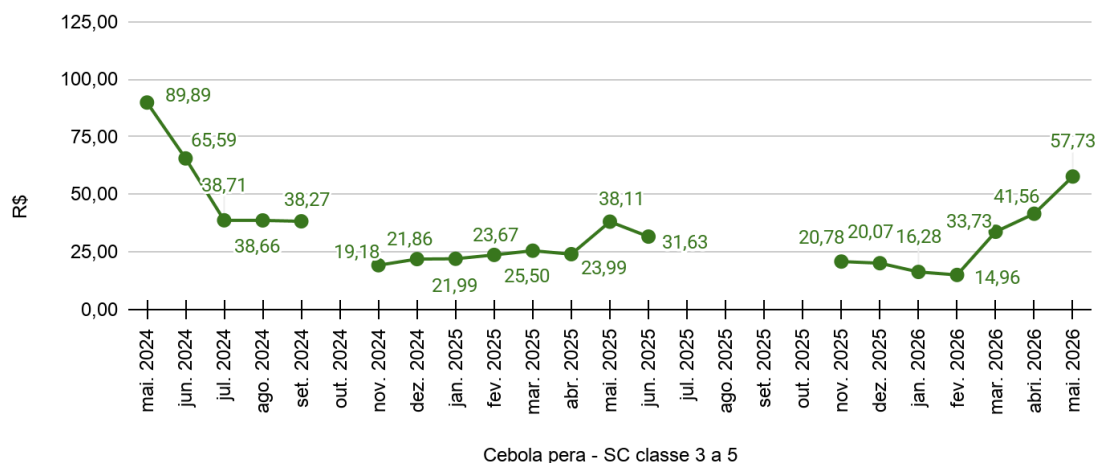
Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

[lillianbastian@epagri.sc.gov.br](mailto:lillianbastian@epagri.sc.gov.br)

### Mercado – Preço ao produtor e no mercado atacadista

Na última semana do mês de maio finalizou a comercialização de cebola da safra 2025/26 em Santa Catarina. Em razão da gradativa diminuição da oferta regional, o preço da hortaliça ficou cotado a uma média de R\$2,88 o quilo, apresentando um acréscimo de 39% em relação ao mês de abril e 51% em relação a maio de 2025. No mês de abril o preço era de R\$2,07 e em maio de 2025 era de R\$1,90, em valores reais. Os preços em valores deflacionados para sacas de 20 quilos seguem na figura a seguir. Nessa figura, as descontinuidades na linha indicam os meses em que não houve comercialização pelo produtor.

**Figura 1 - Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (maio/2024 a maio/2026)**



Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

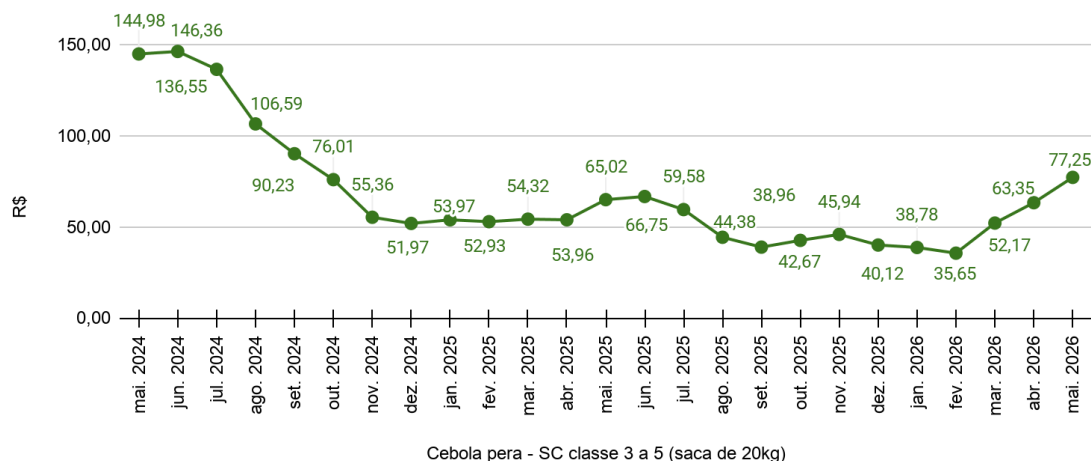
Maio tem se concretizado como o mês em que o preço da cebola ao produtor catarinense tem a melhor cotação. Esse é o período em que o mercado interno encontra-se menos abastecido, pois os fornecedores são Santa Catarina e as regiões de Irecê e do Vale do São Francisco. A partir do final de maio, mas principalmente a partir de junho, os estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás passam a serem fornecedores, embora com volume reduzido.

O aumento nos preços foi, igualmente, registrado no atacado, cujo preço foi de R\$3,86 o quilo. O preço médio praticado no atacado corresponde a um acréscimo de 22% em relação a abril, quando o preço era de R\$3,16 o quilo. Com relação a maio do ano passado, o aumento foi de



19% ante um preço de R\$3,25 o quilo. A Figura 2 expressa os preços da cebola para sacas de 20 quilos praticados no atacado.

**Figura 2 - Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (maio/2024 a maio/2026)**



Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

O cenário dos preços registrado em maio é um reflexo do desabastecimento da cebola no mercado interno. Para que os agricultores possam ter possibilidades de aproveitar esse panorama, um dos desafios que imperam para as próximas safras é a melhoria das condições de armazenamento que precisam favorecer a manutenção da qualidade das cebolas, lembrando que a sanidade pós-colheita inicia no campo, com o controle da propagação de doenças.

### Safra catarinense

Na safra 2025/26 Santa Catarina bateu recordes na produção de cebola, mantendo a liderança como o estado com a maior produção no Brasil. No entanto, a comercialização desta olerícola foi prejudicada devido a uma safra significativa em demais estados. Os preços estiveram, na média, abaixo do custo de produção durante os dois primeiros meses do ano de 2026. Os riscos inerentes a uma supersafra fizeram com que os produtores reduzissem a área projetada para o plantio da cebola, diversificando a produção. Conforme a tabela que vem na sequência a área prevista para a produção de cebola no estado caiu 9%, saindo dos 19.120 hectares para os 17.382 hectares previstos.



**Tabela 1 - Cebola – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2025/26 e 2026/27**

Microrregião	Safrá 2025/2026			Estimativa Safrá 2026/2027				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Blumenau	3	20.000	60	0	0	0	0,00%	-100	-100	-100
Campos de Lages	1.215	31.081	37.764	1.220	34.693	42.325	7,34%	0,41	11,62	12,08
Canoinhas	170	43.235	7.350	170	43.235	7.350	1,28%	0	0	0
Curitibanos	312	45.833	14.300	289	42.588	12.308	2,14%	-7,37	-7,08	-13,93
Ituporanga	8.723	34.211	298.422	8.058	34.247	275.962	47,88%	-7,62	0,11	-7,53
Joaçaba	1.797	40.857	73.420	1.527	41.336	63.120	10,95%	-15,03	1,17	-14,03
Rio do Sul	1.757	32.461	57.034	1.632	32.500	53.040	9,20%	-7,11	0,12	-7
Tabuleiro	3.861	27.149	104.823	3.256	26.963	87.790	15,23%	-15,67	-0,69	-16,25
Tijucas	1.282	28.748	36.855	1.230	28.049	34.500	5,99%	-4,06	-2,43	-6,39
<b>Santa Catarina</b>	<b>19.120</b>	<b>32.951</b>	<b>630.028</b>	<b>17.382</b>	<b>33.160</b>	<b>576.395</b>	<b>100,00%</b>	<b>-9,09</b>	<b>0,63</b>	<b>-8,51</b>

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

A produtividade esperada aumentou em, aproximadamente, 1%, saltando de 32.951 para 33.160 quilos por hectare. Esse aumento na produtividade está relacionado com uma busca constante pelo melhor manejo, acompanhado de uso adequado dos insumos e orientação técnica. Ainda assim, esse volume é em torno de 9% inferior ao registrado na safra 2025/26. A produção esperada é de 576,4 mil toneladas.

A principal região produtora é a de Ituporanga, com 46% da área, seguida por Tabuleiro, com 19%. A microrregião de Blumenau, à princípio, não produzirá cebola nesta safra. Essa região possuía apenas o município de Apiúna na safra passada.

O número de municípios reduziu de 56 para 52. Além de Apiúna, deixaram de produzir comercialmente cebola: Dona Emma, São Bonifácio e Tangará. A metodologia adotada pela Epagri/Cepa pressupõe que o município tenha, no mínimo, uma área total comercial de cinco hectares.

Os municípios com maior vastidão na safra nascente são Ituporanga, com projeção de plantio em 4.500 hectares e Alfredo Wagner, com projeção de cultivo em 3.100 hectares.

As chuvas excessivas que estão previstas para a primavera devem impactar a produtividade, facilitar a infecção bacteriana, diminuir o tempo de armazenamento e a qualidade da cebola, podendo dificultar o transplante das mudas. A recomendação é evitar o cultivo de variedades mais sensíveis à bacteriose e o plantio em locais mais sombreados, parcelar a adubação e controlar a aplicação de herbicidas.

### Importações

Os volumes importados de cebola indicam novo aumento de 27% no comparativo entre abril e maio. Esse incremento está relacionado com a diminuição na oferta interna do produto. No



comparativo com o mesmo mês do ano passado, a variação foi negativa em 11%. Os dados do volume importado de cebola para os anos 2024, 2025 e 2026, em toneladas, são destacados na Tabela 2 a seguir.

**Tabela 2 - Cebola – Brasil: evolução do volume das importações mensais (jan. de 2024 a maio de 2026)**

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	5.018	22.930	48.987	83.672	65.851	23.255	2.310	3.040	329	1.295	475	268	<b>257.430</b>
2025	308	2.584	19.075	29.422	60.207	22.391	2.477	137	26	0	327	882	<b>137.835</b>
2026	186	417	23.355	42.265	53.502	-	-	-	-	-	-	-	<b>119.725</b>

Fonte: Comex Stat/MDCS, junho/2026. Em toneladas

Os dados da tabela permitem aferir que os maiores volumes de cebola são incorporados pelo Brasil entre abril e maio. O custo com a importação da cebola em maio foi 49% superior ao de abril. O aumento foi inclusive registrado no comparativo com o mesmo mês do ano anterior. Entre maio de 2025 e maio de 2026 a variação no custo da importação da cebola foi de 57%. Os números em valores absolutos podem ser verificados na Tabela 3.

**Tabela 3 - Cebola – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a maio/2026)**

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	1.665	5.150	15.351	28.549	23.019	6.954	1.155	1.442	148	521	280	172	<b>84.407</b>
2025	199	573	4.057	5.106	9.749	3.913	451	29	18	-	225	523	<b>24.843</b>
2026	139	116	5.408	10.250	15.299	-	-	-	-	-	-	-	<b>31.213</b>

Fonte: Comex Stat/MDIC, junho/2026. Valores nominais em mil dólares americanos

A variação maior no custo da importação tanto no comparativo com o mês passado quanto com relação ao mesmo mês do ano passado indicam aumento no preço médio pago ao quilo do produto. No mês de maio o custo foi de US\$0,29. Já o preço de abril foi de US\$0,24 e em maio de 2025 foi de US\$0,16.

A cebola importada veio da Argentina, do Chile e dos Países Baixos. A maior parte veio da Argentina, 72%. Os Países Baixos forneceram 14% e o Chile 13% do quantitativo adquirido. No comparativo com o mês passado, a Argentina demonstrou redução na participação do volume importado, dado que naquele mês 80% das cebolas compradas vieram desse país. As cebolas argentinas integraram o mercado nacional a um custo de US\$0,23, as cebolas chilenas a um custo de US\$0,45 e as cebolas originárias dos Países Baixos a um custo de US\$0,36.



## Pecuária

<b>Avicultura.....</b>	<b>46</b>
<b>Bovinocultura .....</b>	<b>53</b>
<b>Suinocultura .....</b>	<b>57</b>
<b>Leite .....</b>	<b>65</b>



## Avicultura

**Alexandre Luís Giehl**

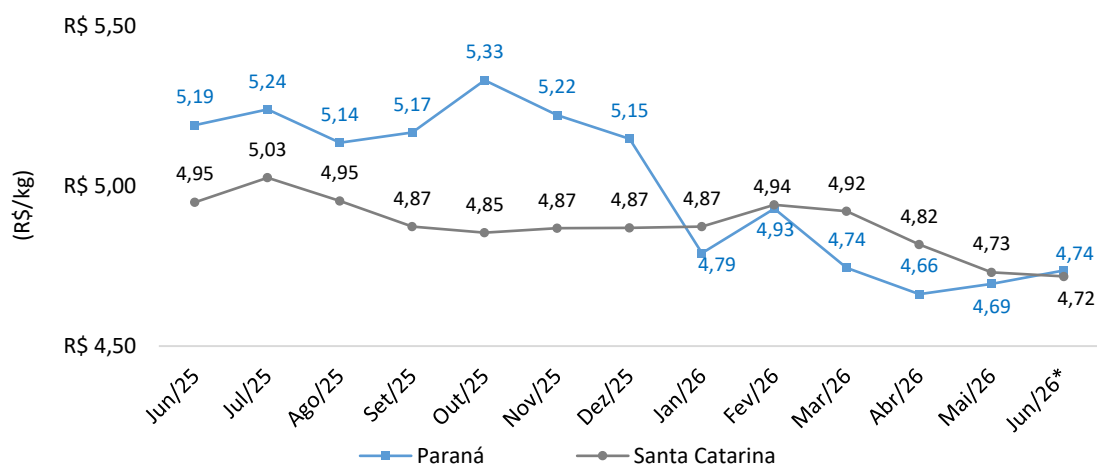
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

### Preços

Na primeira quinzena de junho, os preços do frango vivo apresentaram movimentos distintos nos dois principais estados produtores, na comparação com o mês anterior: alta de 0,9% no Paraná e queda de 0,2% em Santa Catarina. Quando comparados com os preços de junho de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se variações negativas nos dois estados: -8,7% no Paraná e -4,6% em Santa Catarina.

**Figura 1 - Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores\*\* (R\$/kg)**



Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR)

\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

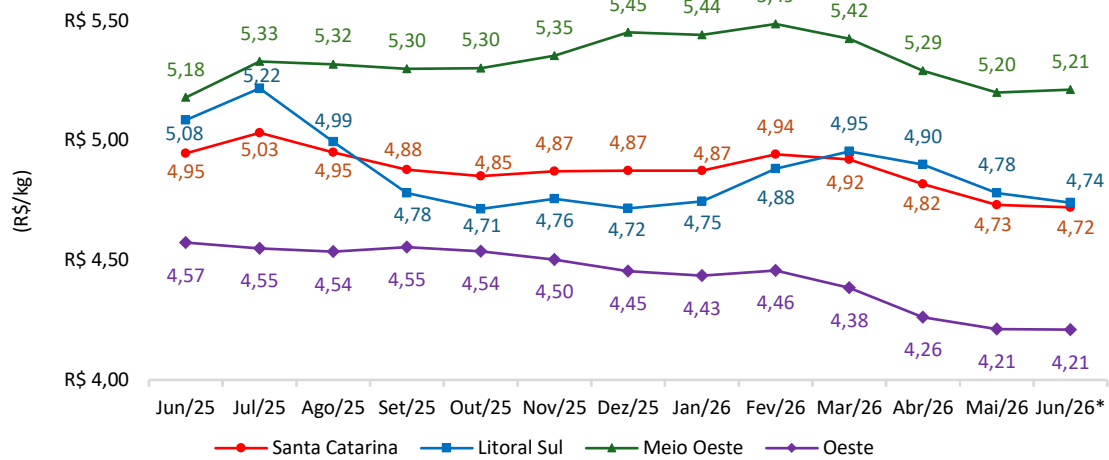
\*\* Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Os preços pagos aos avicultores catarinenses nas primeiras semanas de junho apresentaram comportamentos distintos nas três regiões de levantamento: queda de 0,8% no Litoral Sul, alta de 0,2% no Meio Oeste e valor inalterado no Oeste. Ao comparar os preços atuais com os de junho de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, observaram-se diferenças entre as três regiões: quedas de 7,9% no Oeste e 6,8% no Litoral Sul, enquanto o Meio Oeste registrou alta de 0,6% no período.



**Figura 2 - Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais regiões do estado (R\$/kg)**



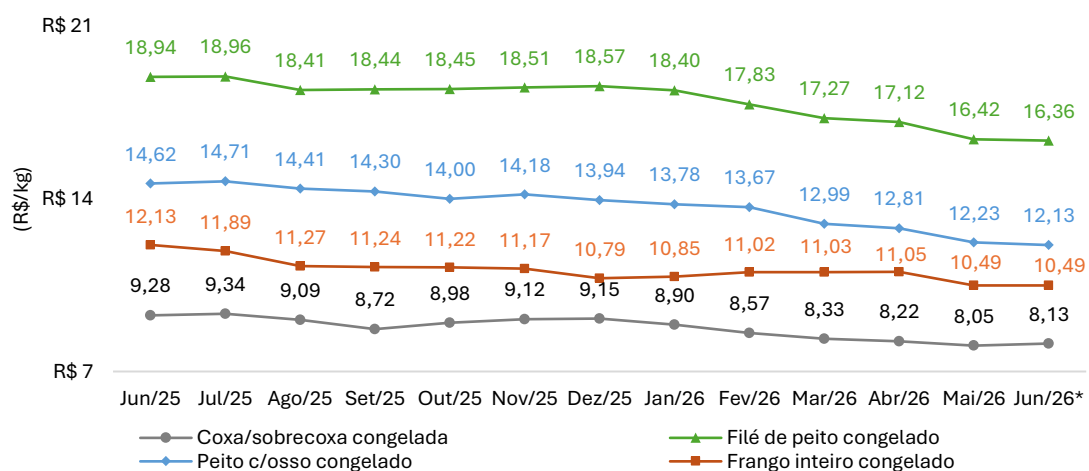
Fonte: Epagri/Cepa

(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria. Valores corrigidos pelo IGP-DI.

\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

No mercado atacadista, a primeira quinzena de junho foi marcada por movimentos distintos entre os diversos cortes, quando comparados ao mês anterior: o peito com osso e o filé de peito apresentaram quedas de 0,8% e 0,3%, respectivamente, enquanto a coxa/sobrecoxa e o frango inteiro mantiveram-se inalterados no período. A variação média dos quatro cortes foi de -0,3%. No ano, a carne de frango acumula queda de 6,4%.

**Figura 3 - Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)**



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).



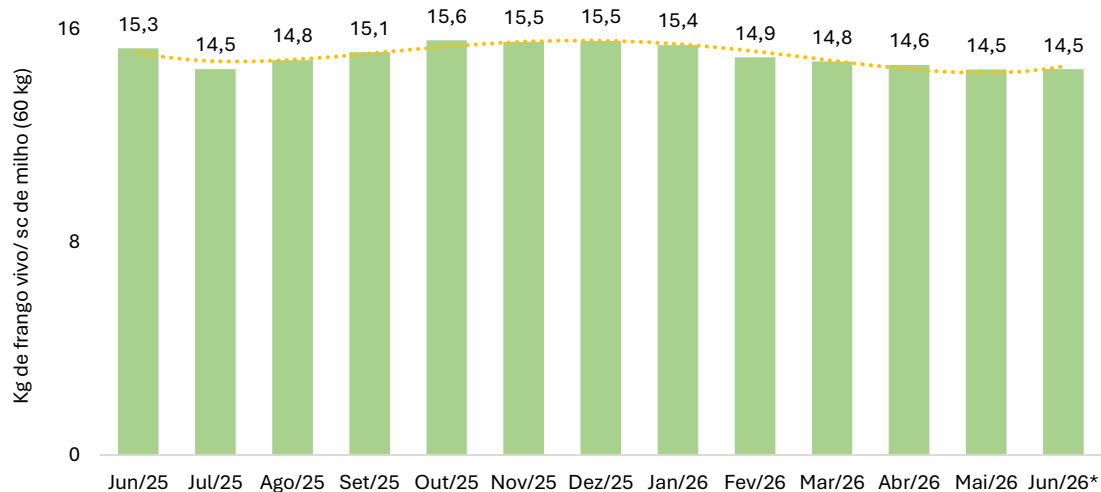
Ao comparar os valores deste mês com os de junho de 2025 – corrigidos pela inflação do período (IGP-DI) –, verifica-se que todos os cortes apresentaram variação negativa: peito com osso (-17,0%); filé de peito (-13,6%); frango inteiro (-13,5%); e coxa/sobrecoxa (-13,3%). A variação média dos quatro cortes foi de -14,4%.

Com o início da Copa do Mundo de Futebol, muitas empresas projetam um aumento nas vendas de carnes. O evento é visto como um importante motor de consumo e pode contribuir para enxugar a oferta de carne no mercado interno, em especial no caso das carnes bovina e de frango.

### Custos

A relação de troca insumo-produto manteve-se estável na primeira quinzena de junho em relação ao mês anterior. Esse resultado é decorrente da queda de 0,3% no preço médio estadual<sup>5</sup> do milho (atacado), variação absorvida pelo recuo de 0,3% no preço do frango vivo. Na comparação entre junho de 2026 e o mesmo mês de 2025, registra-se queda de 5,2%. Isso significa que atualmente os produtores precisam de 0,8 kg a menos de frango vivo para comprar uma saca de milho.

**Figura 4 - Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho**



Fonte: Epagri/Cepa

Para o cálculo da relação de equivalência, utilizam-se os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

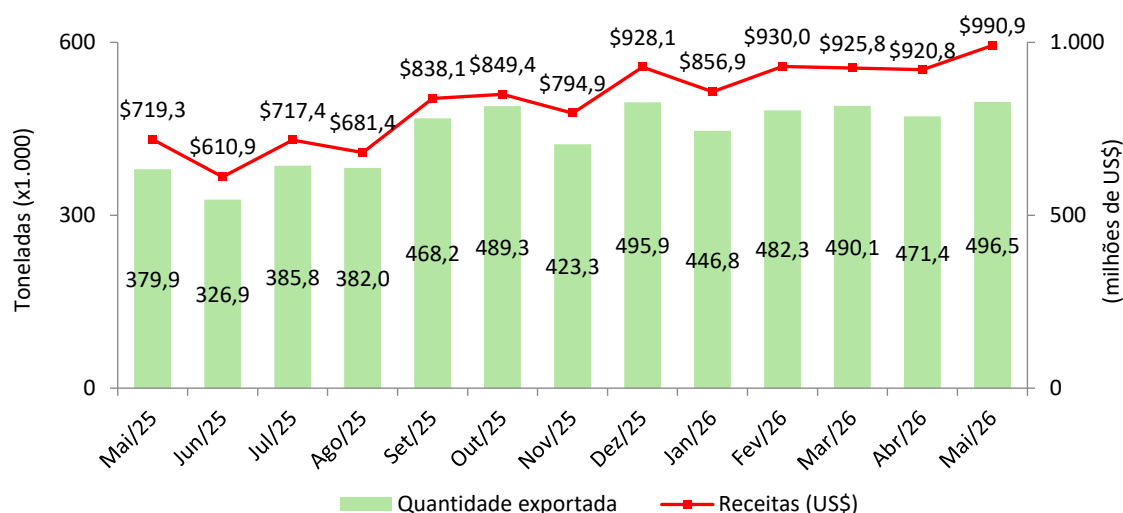
<sup>5</sup> A partir da edição de janeiro do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto passou a ser calculada levando em consideração os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado), ao invés da praça de referência Oeste.



## Comércio exterior

Em maio, o Brasil exportou 496,5 mil toneladas de carne de frango, o que representou alta de 5,3% em relação a abril e de 30,7% na comparação com maio de 2025. As receitas totalizaram US\$ 990,9 milhões, crescimento de 7,6% frente ao mês anterior, mas crescimento de 37,8% em relação a maio de 2025.

**Figura 5 - Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas**



Fonte: MDIC/Comex Stat

Nos primeiros cinco meses do ano, o Brasil exportou 2,39 milhões de toneladas, com receitas de US\$4,62 bilhões, altas de 9,0% e 11,8%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica para os cinco primeiros meses do ano, tanto em quantidade quanto em valor.

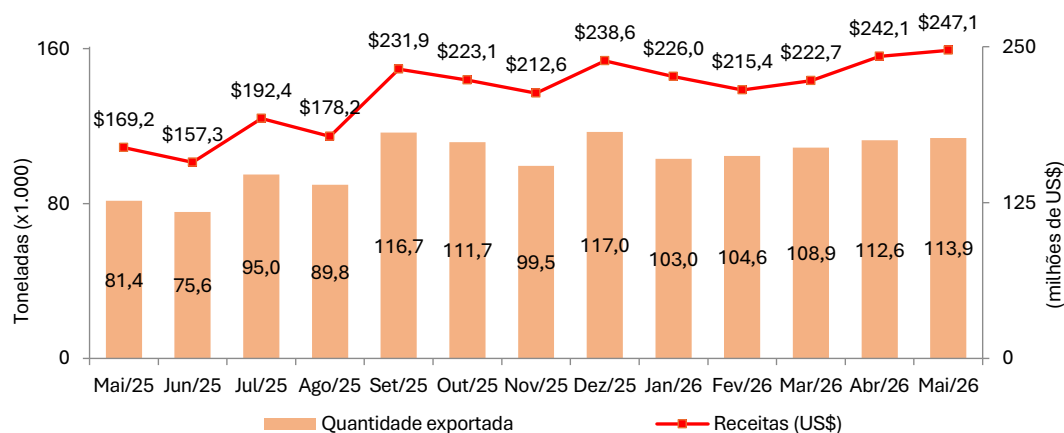
Os principais destinos da carne de frango brasileira nesse período do ano foram: China (13,6% das receitas do período), Japão (10,7%), Arábia Saudita (9,2%) e Países Baixos (7,4%).

Em maio de 2026, Santa Catarina exportou **113,9 mil toneladas** de carne de frango, volume que representa alta de 1,2% em relação a abril e de 40,0% na comparação com maio de 2025. Já as receitas com os embarques totalizaram **US\$ 247,1 milhões**, com crescimentos de 2,0% frente a abril e de 46,0% em relação ao mesmo mês do ano anterior. O resultado de maio representa o melhor desempenho desde dezembro de 2018.

É importante destacar que, no início de maio de 2025, registrou-se o primeiro foco de influenza aviária em uma granja comercial no Rio Grande do Sul, o que derrubou de maneira expressiva as exportações daquele mês e levou a uma base de comparação bastante reduzida. Essa situação explica também as expressivas variações registradas nas exportações totais do Brasil.



**Figura 6 - Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas**



Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em maio foi de US\$2.120,59 por tonelada – alta de 1,5% em relação a abril e de 3,1% na comparação com maio de 2025.

No acumulado de janeiro a maio, o estado exportou **543,1 mil toneladas**, gerando **US\$1,15 bilhão** em receitas. Esses valores representam aumentos de 9,4% e 13,5%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou o melhor desempenho da série histórica (iniciada em 1997) em termos de receitas para esse período do ano (janeiro a maio), além do segundo melhor volume já registrado para o intervalo.

Em relação ao mês anterior, a maioria dos países do Oriente Médio apresentou variação positiva nas importações de carne de frango catarinense em maio, o que indica uma recuperação nas aquisições daquela região, possivelmente associada à trégua no conflito que envolveu Estados Unidos e Israel, de um lado, e Irã, de outro. Nesse período, destacam-se os resultados dos Emirados Árabes Unidos (alta de 109,0% em volume e 115,5% em receitas) e do Iraque (192,7% e 167,4%, respectivamente), o que contribuiu para os resultados positivos do último mês.

Nos cinco primeiros meses do ano, os principais destinos da carne de frango catarinense foram Países Baixos (14,1% do total), Japão (11,2%), China (10,5%) e Arábia Saudita (9,3%). A Tabela 1 detalha os principais destinos das exportações catarinenses de carne de frango no período.

**Tabela 1 - Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan. a mai./2026**

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Países Baixos	162.547.621,00	14,1	45.752	8,4
Japão	129.009.903,00	11,2	52.564	9,7
China	121.401.343,00	10,5	51.161	9,4
Arábia Saudita	107.561.756,00	9,3	50.026	9,2
Coreia do Sul	66.087.921,00	5,7	27.745	5,1
Demais países	566.642.127,00	49,2	315.866	58,2
<b>Total</b>	<b>1.153.250.671,00</b>	<b>100</b>	<b>543.115</b>	<b>100</b>

Fonte: MDIC/Comex Stat

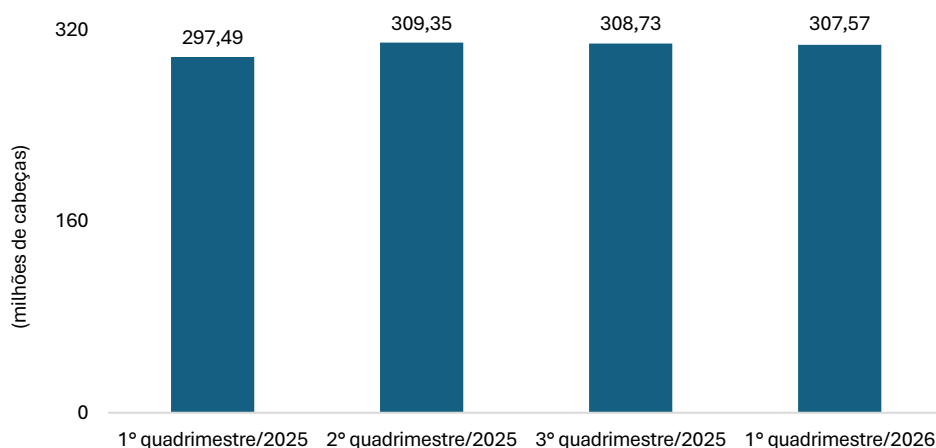


Santa Catarina foi responsável por **24,9% das receitas** e **22,9% do volume** exportado de carne de frango pelo Brasil nos primeiros cinco meses de 2026.

## Produção

Santa Catarina produziu 307,6 milhões de frangos de janeiro a abril deste ano<sup>6</sup> – um crescimento de 3,4% em relação ao mesmo período do ano anterior.

**Figura 7 - Frangos – Santa Catarina: produção quadrimestral**



Fonte: Cidasc

A Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgada recentemente pelo IBGE, demonstra que no 1º trimestre deste ano foram abatidos no Brasil um total de 1,71 bilhão de frangos, o que representa um crescimento de 3,7% em relação ao mesmo período de 2025.

## Exclusão do Brasil da lista de exportadores de produtos de origem animal da União Europeia

Em junho de 2026, a União Europeia (UE) oficializou a retirada do Brasil da lista de países autorizados a exportar produtos de origem animal para o bloco. A medida abrange carnes (bovina, de aves e equina), pescado, mel e tripas. Foi estabelecido um cronograma de transição, e o veto passará a vigorar plenamente em 3 de setembro de 2026, coincidindo com a implementação provisória do acordo comercial Mercosul-UE.

O motivo central da restrição é a ausência de informações e garantias documentais por parte do governo brasileiro que comprovem a conformidade de toda a cadeia produtiva com as normas europeias. Alinhada à política de *One Health* (Saúde Única), a UE exige que os países parceiros repliquem suas restrições internas para combater a resistência bacteriana, o que demanda o

<sup>6</sup> Os dados referentes a maio (73,6 milhões de cabeças) são preliminares, embora já tenham sido disponibilizados no Observatório Agro Catarinense. Para o presente boletim, optou-se por analisar somente os dados do 1º quadrimestre, de forma a evitar distorções na análise.



banimento completo de antibióticos como promotores de crescimento na alimentação animal (como virginamicina, avoparcina, tilosina, espiramicina, avilamicina e bacitracina).

O bloco europeu aponta a falta de mecanismos robustos de rastreabilidade e certificação do histórico sanitário ao longo do ciclo de produção. Embora o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) do Brasil tenha proibido a fabricação e o uso de parte dessas substâncias em abril de 2026, a UE considerou a iniciativa insuficiente para garantir a equivalência de controle.

Os impactos da medida para o Brasil incluem: risco reputacional, ou seja, potencial desconfiância e imposição de restrições por outros parceiros comerciais globais; impacto financeiro, já que UE é um mercado de alto valor agregado para cortes *premium* e representou US\$1,89 bilhão em exportações brasileiras de produtos de origem animal em 2025.

A suspensão das importações de produtos de origem animal determinada pela União Europeia (UE) afetará a economia de Santa Catarina de forma assimétrica, concentrando-se de maneira crítica sobre a cadeia da avicultura de corte e atingindo os demais segmentos pecuários apenas de forma residual ou complementar. No ano de 2025, o faturamento do complexo agroindustrial catarinense com o envio dos produtos afetados para a UE somou US\$341,10 milhões, movimentando 99 mil toneladas. Esse valor representou 12,9% de toda a receita cambial gerada pelo estado com essas mesmas categorias, que alcançaram US\$2,65 bilhões. A carne de frango consolidou-se como a principal afetada, gerando US\$337,41 milhões, o que equivale a 98,9% do faturamento com produtos de origem animal destinados ao bloco europeu e a 13,8% das vendas externas globais do próprio setor de aves.

A análise dos primeiros cinco meses de 2026 revela um cenário de maior vulnerabilidade, com a aceleração dos embarques para a Europa atingindo US\$201,18 milhões e 60,6 mil toneladas. A participação da UE sobre a receita total desses itens subiu para 16,2%, impulsionada pela ampliação dos embarques de frango após a reabertura do mercado europeu, que havia sido restrito em 2025 devido a um foco de influenza aviária no Rio Grande do Sul. Entre janeiro e maio de 2026, a carne de frango respondeu por US\$199,64 milhões, elevando a dependência do setor para 17,3% do faturamento internacional do período.

Se efetivadas as restrições, as agroindústrias catarinenses serão obrigadas a redirecionar seus produtos para o mercado interno ou para destinos internacionais alternativos. Esse rearranjo logístico tende a provocar uma sobreoferta e saturação no mercado nacional, reduzindo os preços médios praticados e comprimindo as margens de lucro operacionais das empresas, dado que os novos compradores geralmente pagam valores por tonelada inferiores aos praticados pela União Europeia.

Diante do veto da União Europeia, o Governo Federal, via Ministério da Agricultura e Pecuária e Itamaraty, intensificou as negociações diplomáticas e os ajustes normativos, destacando a proibição recente do uso de antimicrobianos como promotores de crescimento. É importante mencionar que a UE não identificou nenhuma irregularidade nos produtos brasileiros e que a principal razão da medida foi a perspectiva do bloco europeu de ampliação de instrumentos de garantia por parte do Brasil.



## Bovinocultura

**Alexandre Luís Giehl**

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

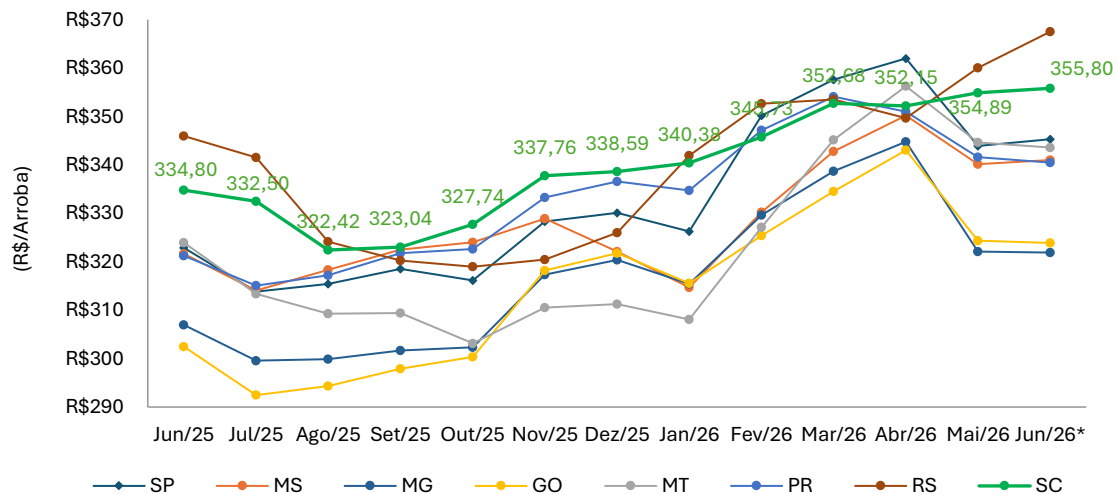
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

### Preços

Depois do predomínio de quedas em maio, na primeira quinzena de junho os preços do boi gordo apresentaram variações distintas nos principais estados produtores. Na comparação com os valores registrados no mês anterior, observaram-se quedas em quatro dos estados analisados: -0,3% no Mato Grosso; -0,3% no Paraná; -0,1% em Minas Gerais; e -0,1% em Goiás. Por outro lado, variações positivas foram registradas em outros quatro estados: 2,4% no Rio Grande do Sul; 0,4% em São Paulo; 0,3% no Mato Grosso do Sul e 0,3% em Santa Catarina.

Ao comparar os preços das primeiras semanas de junho deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verifica-se que todos os estados registraram altas no período: 7,1% em Goiás; 6,9% em São Paulo; 6,3% em Santa Catarina; 6,2% no Rio Grande do Sul; 6,1% no Mato Grosso; 6,0% no Paraná; 6,0% no Mato Grosso do Sul; e 4,9% em Minas Gerais.

**Figura 1 - Boi gordo – SC<sup>1</sup>, SP<sup>2</sup>, MG<sup>2</sup>, GO<sup>2</sup>, MT<sup>2</sup>, MS<sup>2</sup>, PR<sup>3</sup> e RS<sup>4</sup>: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)**



Fontes: <sup>(1)</sup>Epagri/Cepa; <sup>(2)</sup>Cepea; <sup>(3)</sup>Seab; <sup>(4)</sup>Nespro

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

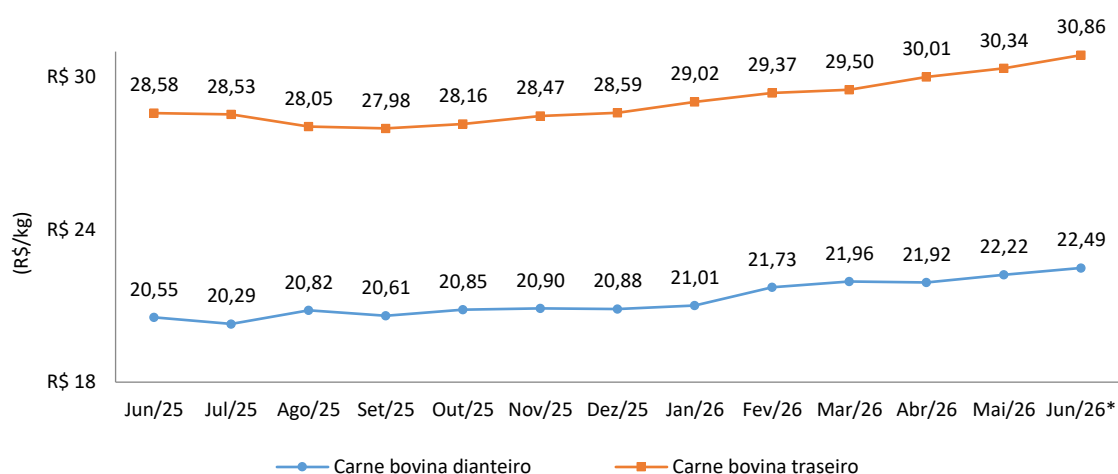
Das dez regiões agro de Santa Catarina, cinco registraram variação positiva no preço do boi gordo na comparação entre os valores recebidos pelos produtores na primeira quinzena de junho e os do mês anterior, com destaque para o Alto Vale do Rio do Peixe, onde a alta foi de 2,2%. Por outro lado, dentre as regiões em que se observou variação negativa, destaca-se o Planalto Norte, com queda de 2,1%.



Na comparação entre os valores preliminares de junho e os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, todas as dez regiões apresentaram variações positivas, com destaque para o Alto Vale do Itajaí e o Alto Vale do Rio do Peixe, com alta de 10,3% em ambas.

No mercado atacadista, todos os cortes apresentaram variações positivas na primeira quinzena de junho em relação ao mês anterior, movimento que vem predominando desde outubro do ano passado. A carne de dianteiro subiu 1,5% e a carne de traseiro apresentou alta de 1,7%. A variação média do período foi de 1,6%. No ano, a carne bovina no atacado acumula alta de 11,6%.

**Figura 2 - Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)**



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Ao comparar os preços das primeiras semanas deste mês com as médias de junho de 2025 – corrigidas pelo IGP-DI –, também se observam variações positivas em ambos os cortes: 9,5% para a carne de dianteiro e 8,0% para a carne de traseiro, com média de 8,7%.

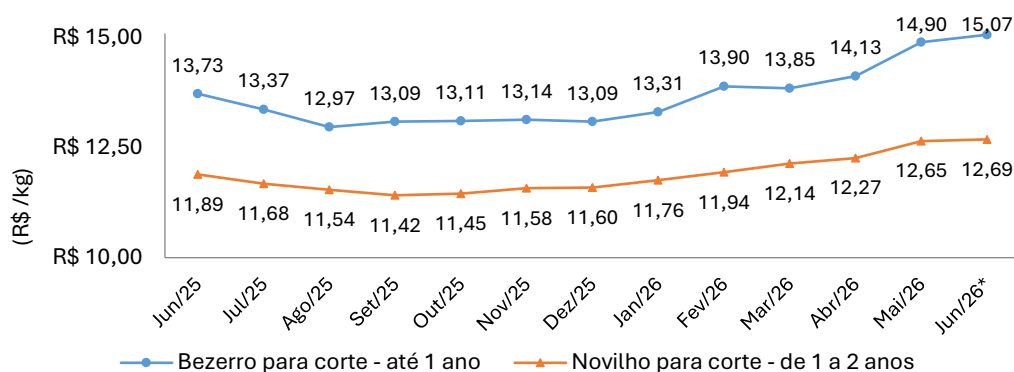
Com o início da Copa do Mundo de Futebol, muitas empresas projetam um aumento nas vendas de carnes. O evento é visto como um importante motor de consumo e pode contribuir para enxugar a oferta de carne no mercado interno, em especial no caso das carnes bovina e de frango.

### Custos

Na primeira quinzena de junho, os preços das duas categorias de animais de reposição apresentaram altas em relação às médias de maio, embora em percentuais menores do que aqueles registrados na maioria dos meses iniciais deste ano. O preço dos bezerros de corte com até 1 ano subiu 1,1%, enquanto o dos novilhos de corte de 1 a 2 anos apresentou alta de 0,3%.



**Figura 3 - Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/kg)**



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

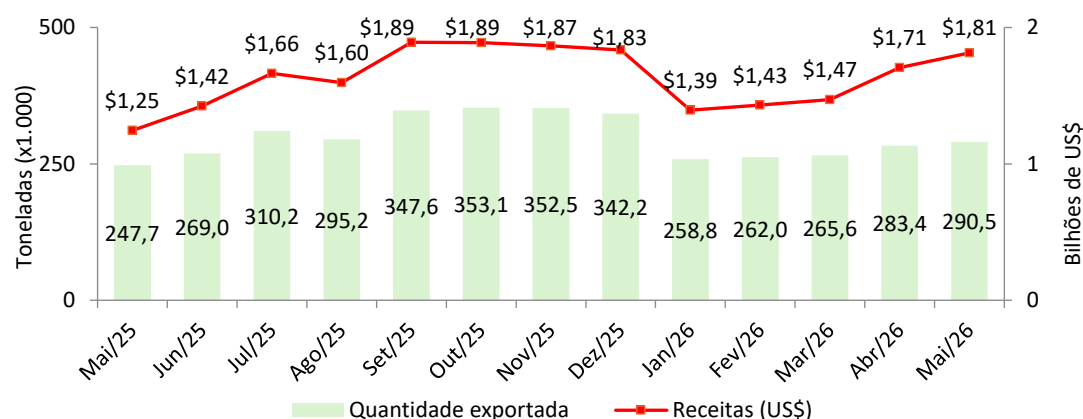
\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Na comparação entre os preços preliminares deste mês com os de junho de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se altas nos dois casos: 9,8% para os bezerros com até 1 ano e 6,7% para os novilhos de 1 a 2 anos.

### Comércio exterior

Em maio, o Brasil exportou **290,5 mil toneladas** de carne bovina, volume 2,5% superior ao de abril e 17,3% maior do que o de maio de 2025. As receitas foram de **US\$1,81 bilhão**, crescimento de 6,3% frente ao mês anterior e de 45,7% em relação ao mesmo mês de 2025.

**Figura 4 - Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas**



Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil no último mês foi de **US\$6.505,10** por tonelada – alta de 4,2% ante abril e de 25,0% em relação a maio de 2025.



No acumulado de janeiro a maio, o Brasil exportou **1,36 milhão de toneladas**, com receitas de **US\$7,82 bilhões**, altas de 14,5% e 35,3%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses são os melhores resultados para esse período do ano desde o início da série histórica, em 1997.

O principal destino da carne bovina brasileira exportada nos cinco primeiros meses do ano foi a China, responsável por 47,8% das receitas geradas por esse produto. Os Estados Unidos, segundo principal destino, responderam por 14,8%.

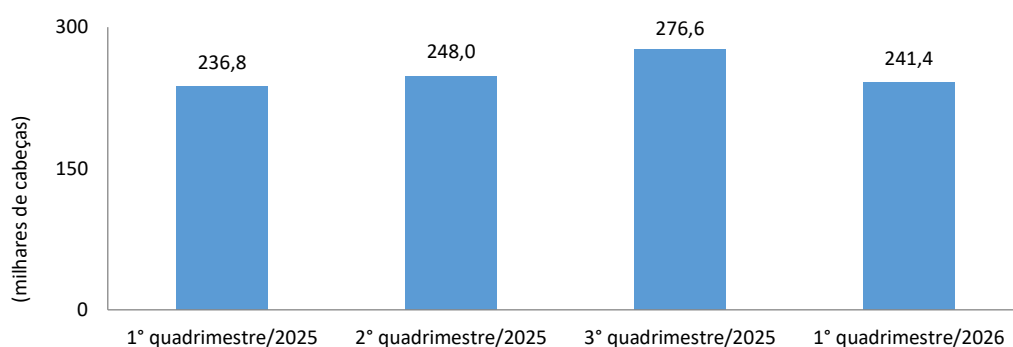
Santa Catarina exportou 492,4 toneladas de carne bovina em maio, com faturamento de US\$ 2,32 milhões, o que representou um crescimento impressionante de 243,4% em volume e de 284,7% em valor, na comparação com maio de 2025.

No acumulado dos cinco primeiros meses do ano, o estado já exportou 2,33 mil toneladas, com receitas de US\$ 10,44 milhões, expressivas altas de 174,9% e 193,3%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Esses números representam o melhor desempenho da série histórica em termos de receitas e o segundo melhor em volume.

## Produção

De janeiro a abril<sup>7</sup>, foram produzidas e destinadas ao abate 241,4 mil cabeças de bovinos em Santa Catarina, montante **2,0% superior** ao registrado no mesmo período de 2025. Esse resultado representa um arrefecimento no ritmo dessa atividade, que vinha sendo intenso nos últimos anos, inclusive com variação negativa em abril.

**Figura 5 - Bovinos – Santa Catarina: produção quadrimestral (abates inspecionados)**



Fonte: Cidasc

A Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgada recentemente pelo IBGE, demonstra que no 1º trimestre deste ano foi abatido no Brasil um total de 10,29 milhões de bovinos, o que representa um crescimento de 3,3% em relação ao mesmo período de 2025.

<sup>7</sup> Os dados referentes a maio (59,1 mil cabeças) são preliminares, embora já tenham sido disponibilizados no Observatório Agro Catarinense. Para o presente boletim, optou-se por analisar somente os dados do 1º quadrimestre, de forma a evitar distorções na análise.



## Suínocultura

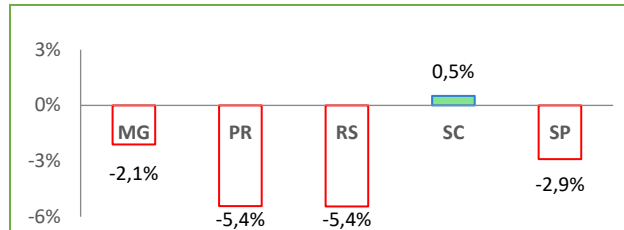
**Alexandre Luís Giehl**

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

### Preços

Dando sequência ao cenário observado desde o início deste ano, na primeira quinzena de junho



**Figura 1 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (mai.-jun./2026<sup>(\*)</sup>)**

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)  
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

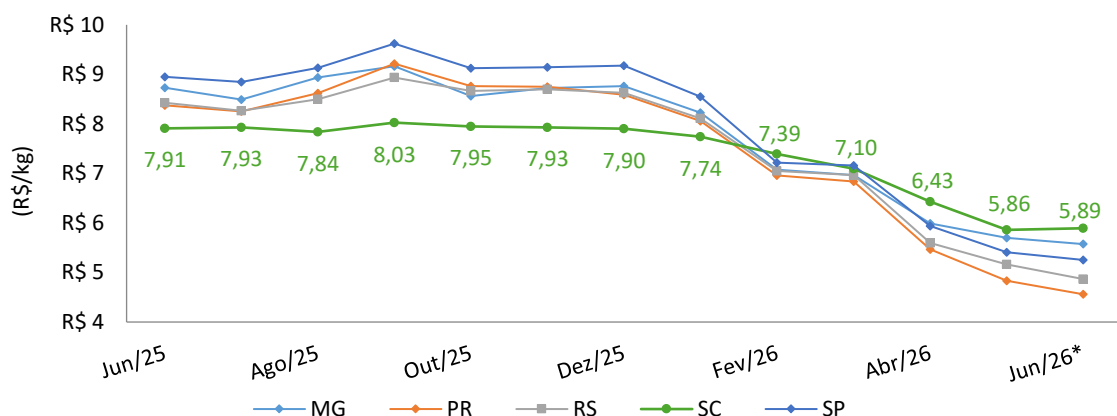
observaram-se quedas expressivas nos preços do suíno vivo na maioria dos principais estados produtores, como evidencia a Figura 1. A única exceção foi Santa Catarina, que registrou leve alta no período.

No ano, acumulam-se quedas bastante expressivas em todos esses estados, variando de -24,8% em Santa Catarina a -55,4% no Paraná. Em grande medida, esse cenário decorre da elevada oferta de animais para abate, como veremos adiante. O forte ritmo das exportações e

a demanda interna estável não são suficientes para absorver o volume adicional, o que resulta em pressão negativa sobre os preços.

Quando se comparam os valores preliminares de junho deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se variações negativas acentuadas em todos os cinco estados analisados: -45,5% no Paraná; -42,1% no Rio Grande do Sul; -41,3% em São Paulo; -36,1% em Minas Gerais; e -25,5% em Santa Catarina.

**Figura 2 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)**



Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

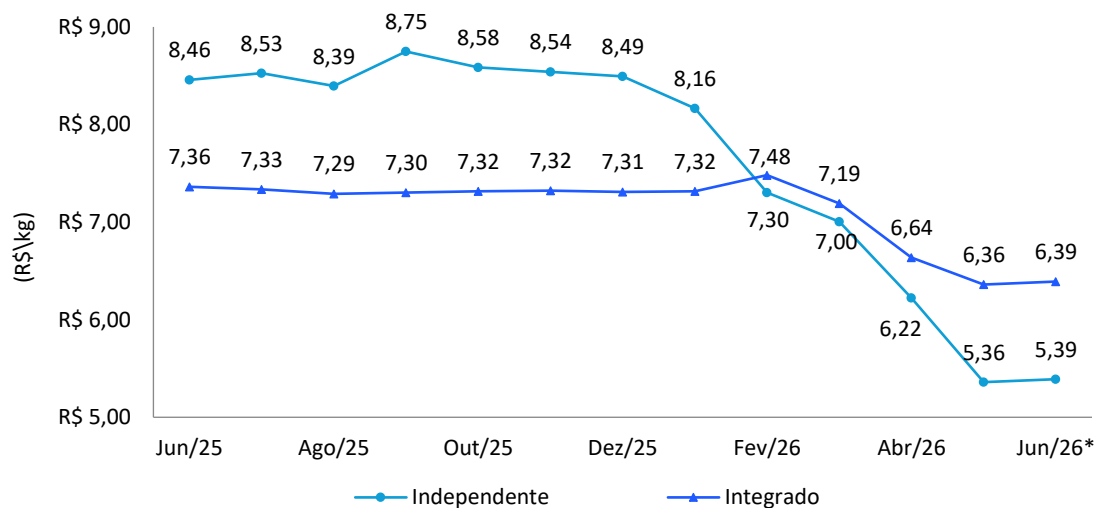
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).



Apesar dos resultados positivos de junho, na comparação com os valores do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI, ainda se registram quedas expressivas em ambos os casos: -36,3% para os produtores independentes e -13,2% para os integrados.

**Figura 3 - Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado**



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

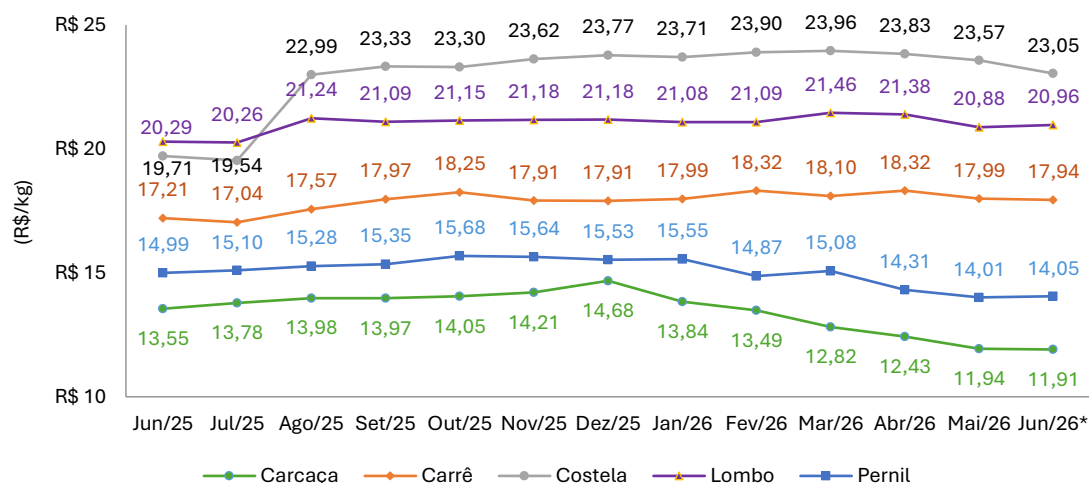
\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Em Santa Catarina, depois de um período de oito meses em que predominaram as oscilações negativas, na primeira quinzena de junho verificaram-se leves recuperações nos preços pagos aos produtores. No caso dos produtores independentes, a alta foi de 0,6%, enquanto os produtores integrados apresentaram elevação de 0,5% em relação ao mês anterior.

Em relação ao mercado atacadista, a maioria dos cortes suínos apresentou variação negativa na primeira quinzena de junho, quando comparados ao mês anterior: costela (-2,2%); carcaça (-0,3%); e carrê (-0,3%). Por outro lado, pernil e lombo registraram pequenas altas no período: 0,4% e 0,3%, respectivamente. Na média dos cinco cortes, a variação foi de -0,3%. No ano, a carne suína acumula queda de 3,1%.



**Figura 4 - Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)**



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Ao comparar os valores de junho deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verifica-se um predomínio de altas: costela (16,9%); carrê (4,3%); e lombo (3,3%). Variações negativas foram registradas no caso da carcaça (-12,1%) e do pernil (-6,3%). Na média dos cinco cortes, observou-se alta de 1,2%.

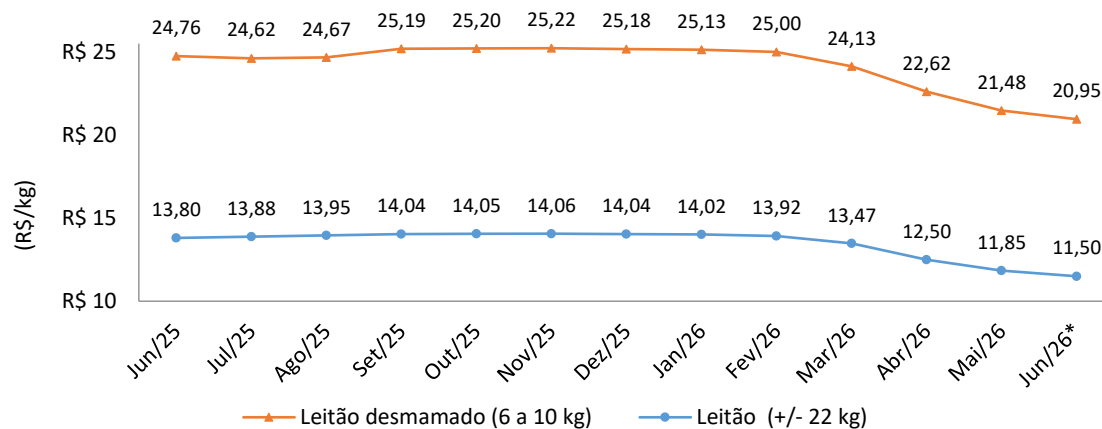
Com o início da Copa do Mundo de Futebol, muitas agroindústrias projetam um aumento nas vendas de carnes. O evento é visto como um importante motor de consumo e pode contribuir para enxugar a oferta de carne no mercado interno.

### Custos

Os preços dos leitões em Santa Catarina apresentaram variações negativas nas primeiras semanas de junho, movimento que vem sendo registrado desde fevereiro. Em relação às médias do mês anterior, os leitões de 6kg a 10kg tiveram queda de 2,5%, enquanto para os leitões de aproximadamente 22kg a queda foi de 3,0%.



**Figura 5 - Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)**



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

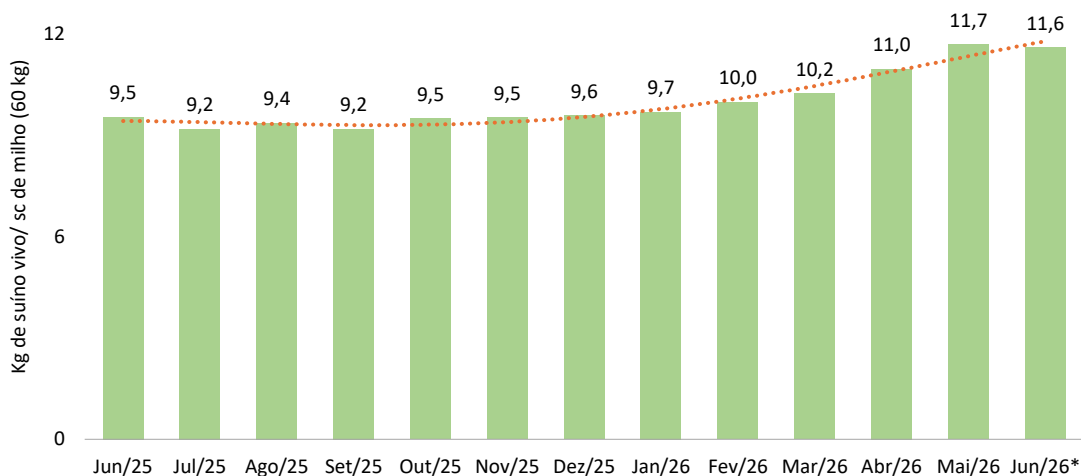
Na comparação entre os valores deste mês com os de junho do ano passado – corrigidos pelo IGP-DI –, também se observam variações negativas nas duas categorias: -15,4% para os leitões de 6kg a 10kg e -16,7% para os leitões de aproximadamente 22kg.

A relação de troca insumo-produto apresentou queda de 0,8% na primeira quinzena de junho, cenário resultante da alta de 0,5% no preço médio estadual<sup>8</sup> do suíno vivo, somada à redução de 0,3% no preço do milho (no atacado). Apesar desse resultado parcial de junho, quando se compara o valor atual com o mesmo mês de 2025, verifica-se uma alta de 21,5% no índice. Isso significa que atualmente os produtores precisam de 2,1kg a mais de suíno vivo para comprar uma saca de milho.

<sup>8</sup> A partir da edição de janeiro do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto passou a ser calculada levando em consideração os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).



**Figura 6 - Suíno vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho**



Fonte: Epagri/Cepa

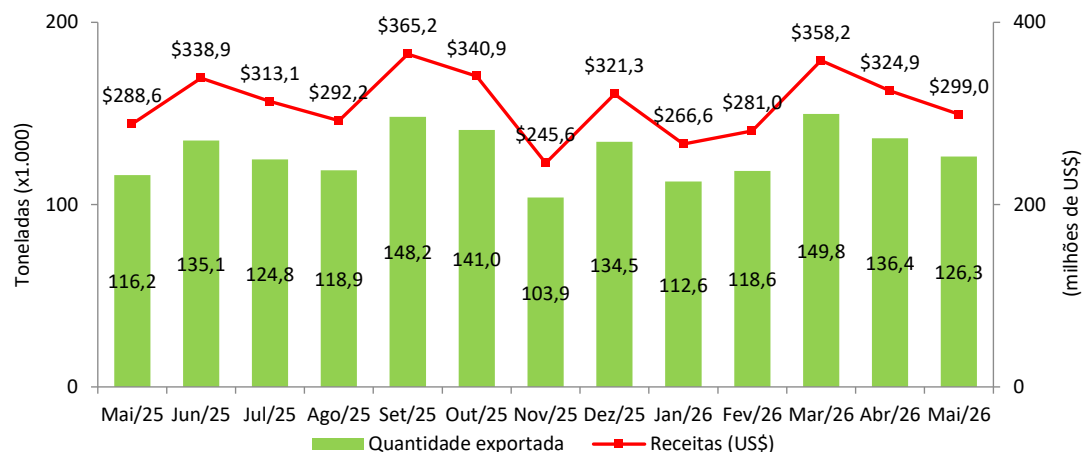
Para o cálculo da relação de troca, utilizam-se os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

\* Os valores de junho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

### Comércio exterior

Em maio, o Brasil exportou 126,3 mil toneladas de carne suína, volume que representou uma queda de 7,4% em relação a abril, mas alta de 8,7% na comparação com maio de 2025. As receitas somaram US\$299,0 milhões, recuo de 8,0% frente ao mês anterior, mas crescimento de 3,6% em relação a maio do ano passado. O resultado de maio representa o melhor desempenho da série histórica (iniciada em 1997) para o referido mês, tanto em termos de receitas quanto em volume.

**Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas**



Fonte: MDIC/Comex Stat

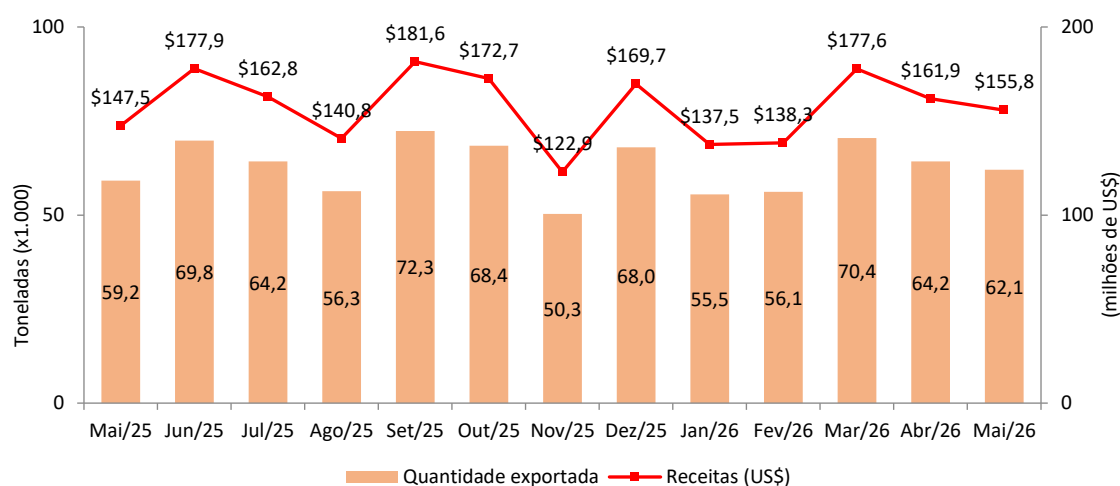


No acumulado do ano, o país exportou 643,7 mil toneladas de carne suína, com receitas de US\$1,53 bilhão, valores que representam crescimentos de 14,0% e 12,5%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica (iniciada em 1997) para os cinco primeiros meses do ano, tanto em volume quanto em receitas.

Os principais destinos das exportações brasileiras no período foram as Filipinas, que concentraram 27,1% das receitas totais, seguidas pelo Japão (16,4%), China (7,7%) e Chile (7,4%).

Em maio, Santa Catarina exportou **62,1 mil toneladas** de carne suína. O volume representa queda de 3,4% em relação a abril, mas crescimento de 4,9% na comparação com o mesmo mês do ano passado. As receitas com os embarques totalizaram **US\$155,8 milhões**, recuo de 3,8% frente a abril, mas crescimento de 5,6% ante maio de 2025. Os resultados de maio representam o melhor desempenho da série histórica para esse mês.

**Figura 8 - Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas**



Fonte: MDIC/Comex Stat

O preço médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em maio ficou em US\$2.609,13 por tonelada – alta de 0,6% ante abril e de 1,4% na comparação com maio do ano anterior.

No acumulado de janeiro a maio, o estado exportou 308,4 mil toneladas, gerando US\$771,2 milhões em receitas. Esses valores representam aumentos de 3,0% e 6,3%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou o melhor desempenho da série histórica para os cinco primeiros meses do ano, tanto em volume quanto em receitas.

Os principais destinos da carne suína catarinense nos primeiros cinco meses do ano foram Japão (32,5% das receitas), Filipinas (17,2%) e China (13,9%). Chama a atenção o forte crescimento registrado pelo Japão nesse período, com altas de 76,5% em volume e 70,3% em receitas. Outros



destaques foram Coreia do Sul (crescimento de 29,2% em quantidade e 40,5% em receitas) e Geórgia (234,1% e 242,4%, respectivamente). Em contrapartida, outros importantes destinos apresentaram variações negativas, como é o caso das Filipinas, da China e do Chile.

**Tabela 1 - Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan. a mai./2026**

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Japão	250.359.133,00	32,5	75.101	24,4
Filipinas	132.808.278,00	17,2	60.046	19,5
China	107.362.705,00	13,9	48.836	15,8
Chile	55.306.824,00	7,2	23.714	7,7
México	50.706.544,00	6,6	21.914	7,1
Demais países	174.646.251,00	22,6	78.783	25,5
<b>Total</b>	<b>771.189.735,00</b>	<b>100</b>	<b>308.395</b>	<b>100</b>

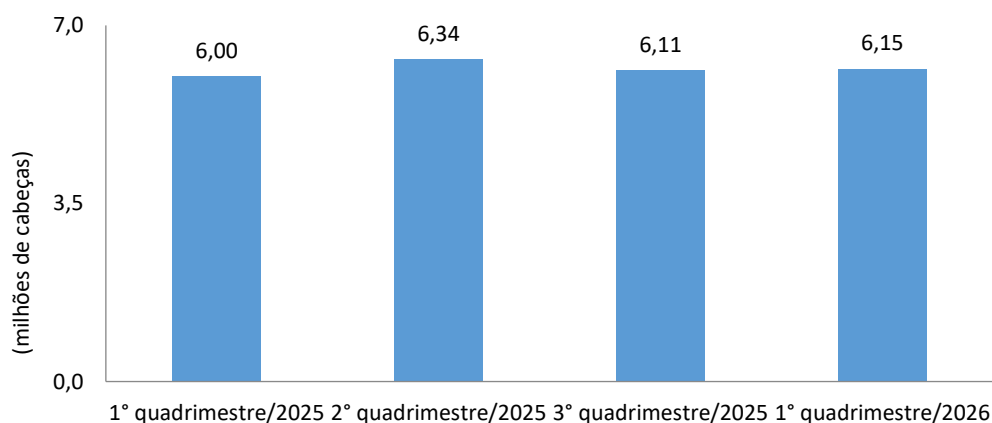
Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina respondeu por **47,9% do volume** e **50,4% das receitas** totais das exportações brasileiras de carne suína nos cinco primeiros meses do ano.

## Produção

De janeiro a abril<sup>9</sup> deste ano, o estado de Santa Catarina produziu **6,15 milhões de suínos** – montante 2,4% superior ao mesmo período de 2025.

**Figura 9 - Suínos – Santa Catarina: produção quadrimestral**



Fonte: Cidasc

<sup>9</sup> Os dados referentes a maio (1,52 milhões) são preliminares, embora já tenham sido disponibilizados no Observatório Agro Catarinense. Para o presente boletim, optou-se por analisar somente os dados do 1º quadrimestre, de forma a evitar distorções na análise.



A Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgada recentemente pelo IBGE, demonstra que no 1º trimestre deste ano foi abatido no Brasil um total de 15,27 milhões de suínos, o que representa um crescimento de 5,5% em relação ao mesmo período de 2025.

O peso médio das carcaças no 1º trimestre foi de 89,6 quilos – queda de 2,7% em relação ao mesmo período de 2025 –, patamar que não era observado desde o início de 2021, sinalizando antecipação de abates e possível redução de estoques nas granjas.



## Leite

**Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing**

Economista, Dr.a. – Epagri/Cepa

[andreassing@epagri.sc.gov.br](mailto:andreassing@epagri.sc.gov.br)

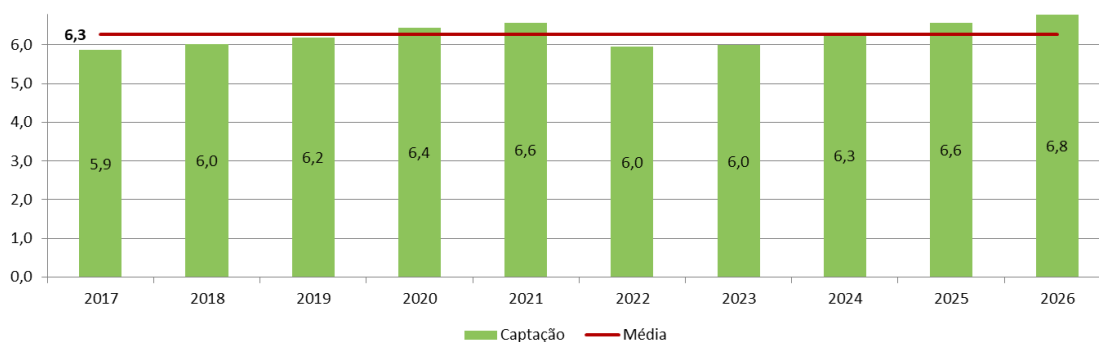
### Captação de leite

#### Brasil

Em 19 de maio, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou os dados preliminares da captação de leite no Brasil para o primeiro trimestre de 2026. Segundo a instituição, as indústrias nacionais captaram 6,8 bilhões de litros (Figura 1). Esse foi o maior volume registrado para o período nos últimos 10 anos, superando em cerca de 8% a média histórica de 6,3 bilhões de litros. Na comparação direta com o primeiro trimestre de 2025, o avanço foi de 3%. Para efeito de comparação, o crescimento no mesmo período entre 2024 e 2025 havia sido de 5%, em um ano que acabou marcado pelo declínio dos preços a partir do mês de junho.

Diante desse cenário, embora o aumento na oferta seja positivo para o consumidor, dado o papel essencial do leite (fluido ou industrializado) na alimentação humana e a consequente redução nos preços na gôndola, o forte ritmo de produção acende um alerta. Esse excedente sinaliza o risco de novas quedas nos preços do leite in natura e de seus derivados de maior perecibilidade, o que pode pressionar as margens de produtores e da indústria nos próximos meses.

**Figura 1 - Captação de leite no primeiro trimestre (2017-2026)**



Fonte: Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, junho/2026

Os dados de 2026 são preliminares.



## Comércio Exterior

### Balança Comercial Láctea Brasileira

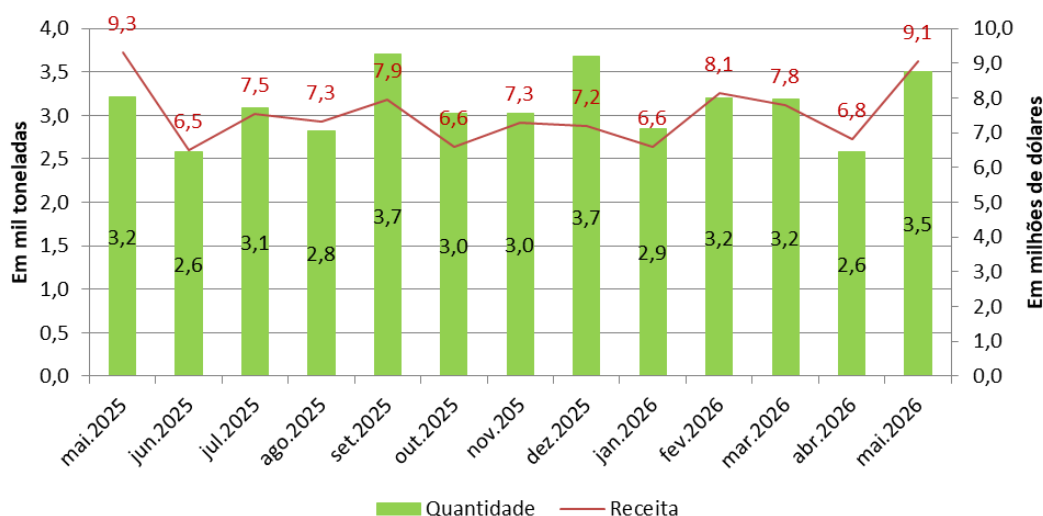
Em maio de 2026, o Brasil exportou 3,5 mil toneladas de produtos lácteos (Figura 2), volume 34,6% superior ao registrado em abril de 2026 (2,6 mil toneladas). Na comparação com maio de 2025, quando as exportações somaram 3,2 mil toneladas, observa-se uma alta de 9,4%.

Em termos de receita, as exportações totalizaram 9,1 milhões de dólares (valor FOB), representando um crescimento de 33,8% em relação a abril de 2026 (6,8 milhões de dólares). No comparativo interanual, a receita apresentou retração de 2,2% frente a maio de 2025, quando havia alcançado 9,3 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.

Entre os principais produtos lácteos exportados, destacaram-se soro de leite, responsável por 35% do volume total embarcado, seguido pelo leite condensado (17%) e pelo creme de leite (14%).

Quanto aos destinos das exportações brasileiras, a China liderou as compras, com 16% do total exportado, seguida pelos Estados Unidos da América e Egito, com 15% e 11% de participação, respectivamente.

**Figura 2 - Leite - Brasil: evolução das exportações mensais – (mai./2025 a mai./2026)**



Fonte: ComexStat/Mdic, junho/2026

Em maio de 2026, o Brasil importou 25,9 mil toneladas de produtos lácteos (Figura 3). Esse volume foi 2,0% superior ao registrado em abril de 2026 (25,4 mil toneladas) e 27,6% superior ao observado em maio de 2025, quando as importações somaram 20,3 mil toneladas.

Em termos de valor, as importações totalizaram 102,8 milhões de dólares (FOB), o que representa um aumento de 4,7% em relação a abril de 2026 (98,2 milhões de dólares). Na



comparação com maio de 2025, quando haviam alcançado 85,1 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano, observa-se um crescimento de 20,8%.

Entre os principais produtos lácteos importados, destacou-se o leite em pó, responsável por 66% do volume total, seguido pelos queijos (26%) e pelo soro de leite (5%).

Quanto à origem das importações, a Argentina liderou como principal fornecedor, com 65% do total, seguida por Uruguai (24%) e Paraguai (8%).

**Figura 3 - Leite – Brasil: evolução das importações mensais – (mai./2025 a mai./2026)**



Fonte: ComexStat/Mdic, junho/2026

A balança comercial brasileira de produtos lácteos registrou, em maio de 2026, um déficit de 22,4 mil toneladas (resultado de 25,9 mil toneladas importadas menos 3,5 mil toneladas exportadas). Esse volume foi 1,8% inferior ao registrado em abril de 2026, quando o déficit havia sido de 22,8 mil toneladas. Na comparação com maio de 2025, período em que o déficit alcançou 17,1 mil toneladas, observa-se um aumento de aproximadamente 31,0%.

### Balança Comercial Láctea Catarinense

Em maio de 2026, Santa Catarina exportou 54,9 toneladas de produtos lácteos (Figura 4), volume 56,3% superior ao registrado em abril de 2026 (35,1 toneladas). Na comparação com maio de 2025, quando as exportações somaram 66,2 toneladas, observa-se uma retração de 17,1%.

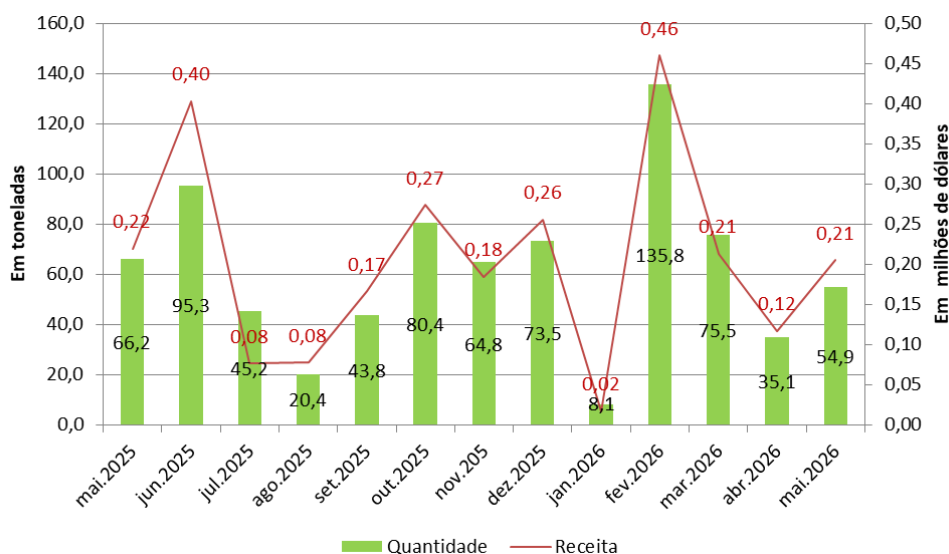
Em termos de valor, as exportações geraram uma receita de 0,21 milhão de dólares (FOB), o que representa um expressivo aumento de 75% em relação a abril de 2026 (0,12 milhão de dólares). Na comparação com maio de 2025, período em que a receita havia alcançado 0,22 milhão de dólares, observa-se uma leve queda de 4,5% a preços correntes daquele ano.



Entre os principais produtos lácteos exportados, destacou-se a manteiga, responsável por 43% do volume total embarcado, seguida pelo leite fluido (33%) e queijos (14%).

Quanto aos destinos das exportações, Uruguai liderou as compras, com 76% do total exportado, seguido pelo Estados Unidos (13%) e pela Libéria (2%).

**Figura 4 - Leite – SC: evolução das exportações mensais – (mai./2025 a mai./2026)**



Fonte: Comex Stat/Mdic, junho/2026

Em maio de 2026, Santa Catarina importou 810,3 toneladas de produtos lácteos (figura 5). Esse volume foi 2,8% superior ao registrado em abril de 2026 (788 toneladas), porém 11,0% inferior ao observado em maio de 2025, quando as importações somaram 910 toneladas.

Em termos de valor, as importações totalizaram 3,5 milhões de dólares (FOB), o que representa um aumento de 16,7% em relação a abril de 2026 (3,0 milhões de dólares). Na comparação com maio de 2025, quando haviam alcançado 4,9 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano, observa-se uma retração de 28,6%.

Entre os principais produtos lácteos importados por Santa Catarina, destacaram-se os queijos, responsável por 70% do volume total, seguido pelo leite em pó (24%) e pelo doce de leite (3%).

Quanto à origem das importações, a Argentina foi o principal fornecedor, com 94% do total importado, seguida pela Áustria (3%) e Itália (1%).



**Figura 5 - Leite – SC: evolução das importações mensais - (mai./2025 a mai./2026)**



Fonte: Comex Stat/Mdic, junho/2026

A balança comercial catarinense de produtos lácteos registrou, em maio de 2026, um déficit de aproximadamente 755,45 toneladas, resultado de importações de 810,3 toneladas e exportações de 54,85 toneladas. Esse saldo negativo representou uma estabilidade com leve aumento de cerca de 0,3% em relação a abril de 2026, quando o déficit foi de aproximadamente 752,90 toneladas.

Na comparação com maio de 2025, período em que o déficit alcançou cerca de 843,80 toneladas, observa-se uma redução de aproximadamente 10,5% no saldo negativo da balança comercial catarinense de lácteos.

## Preços estaduais

### Leite cru – Preço de referência Conseleite e Preço pago ao produtor Epagri/Cepa

No dia 22 de maio, o Conseleite SC realizou sua quinta reunião de 2026, ocasião em que aprovou e divulgou os valores de referência para o leite padrão. O valor de referência nominal para o mês de maio foi de R\$2,6222 por litro, ao passo que a projeção anterior para o leite entregue em abril e pago em maio havia sido estabelecida em R\$2,5091 por litro (Figura 6).

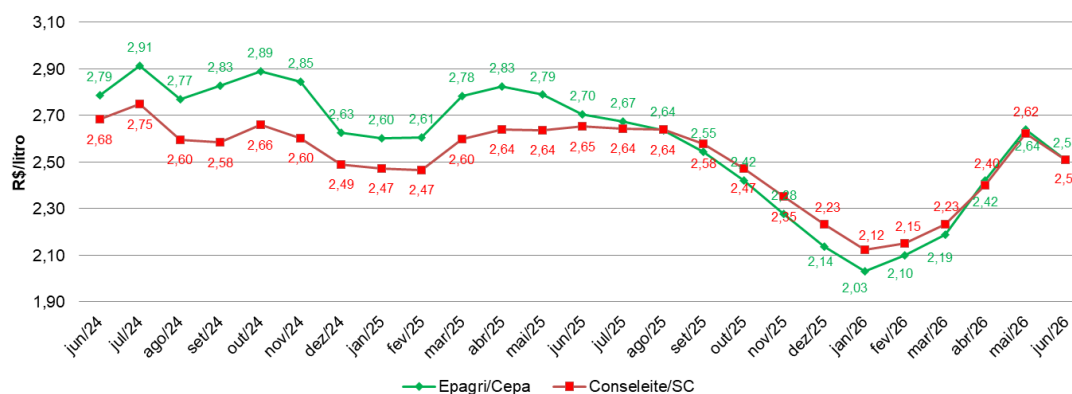
Os preços pagos ao produtor de leite em Santa Catarina, que vinham apresentando forte recuperação real nos primeiros meses de 2026, encontraram um ponto de inflexão e começaram a registrar recuo em junho de 2026, movimento observado tanto na série da Epagri Cepa quanto nos valores do Conseleite SC (Figura 6).

Segundo a Epagri Cepa, após alcançar o pico de R\$2,64 por litro em maio de 2026, o preço médio recuou para R\$2,51 por litro em junho, o que representa uma queda de R\$0,13 por litro (-4,9%) em relação ao mês anterior. Na comparação com junho de 2025, quando o preço médio foi de R\$2,70 por litro, a retração acumulada é ainda mais expressiva, atingindo R\$0,19 por litro (-7,0%).



Os valores de referência do Conseleite SC acompanharam rigorosamente essa tendência de desvalorização em junho de 2026. O preço médio caiu de R\$2,62 por litro em maio para R\$2,51 por litro em junho, registrando um recuo de R\$0,11 por litro (-4,2%). Em relação a junho de 2025, período em que o valor de referência orbitava em R\$2,65 por litro, verifica-se uma retração de R\$0,14 por litro (-5,3%).

**Figura 6 - Leite – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jun./2024 a jun./2026<sup>(1)</sup>)**



Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

<sup>(1)</sup> Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

O preço Epagri/Cepa refere-se ao preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI das quatro principais praças, responsáveis por mais de 90% da captação de leite.

## Preços dos derivados – Santa Catarina

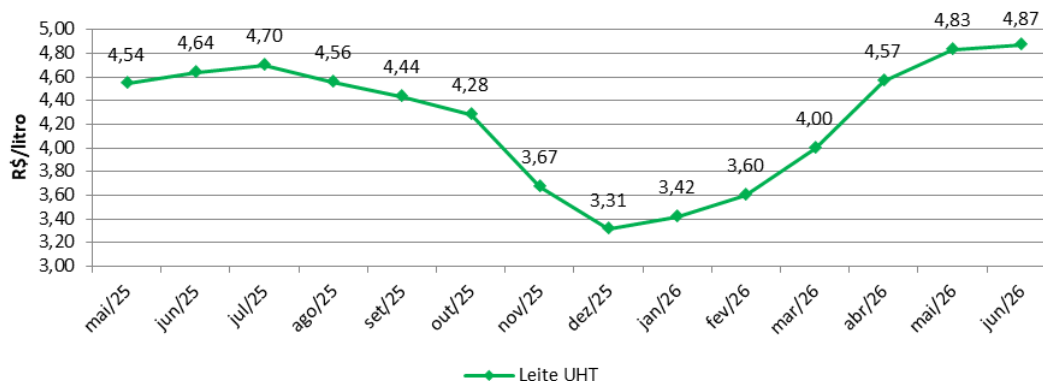
### Leite UHT

No fechamento do primeiro semestre de 2026, o mercado atacadista de leite UHT operou em patamares elevados, registrando os maiores valores do período (Figura 7).

- Comparativo Mensal (junho/26 vs. Maio/26): Na transição de maio para junho de 2026, o preço médio do litro avançou de R\$4,83 para R\$4,87, representando um incremento de R\$0,04 (0,8%) e sinalizando uma acomodação no topo da curva.
- Comparativo Anual (Junho/26 vs. Junho/25): Em relação ao mesmo período do ano anterior, quando o valor corrigido pelo IGP-DI estava em R\$4,64/litro, o preço atual de R\$4,87/litro representa uma valorização real de R\$0,23 (5,0%).



**Figura 7 - Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (mai./2025 a jun./2026<sup>(1)</sup>)**



Fonte: Epagri/Cepa, jun./2026

<sup>(1)</sup> Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

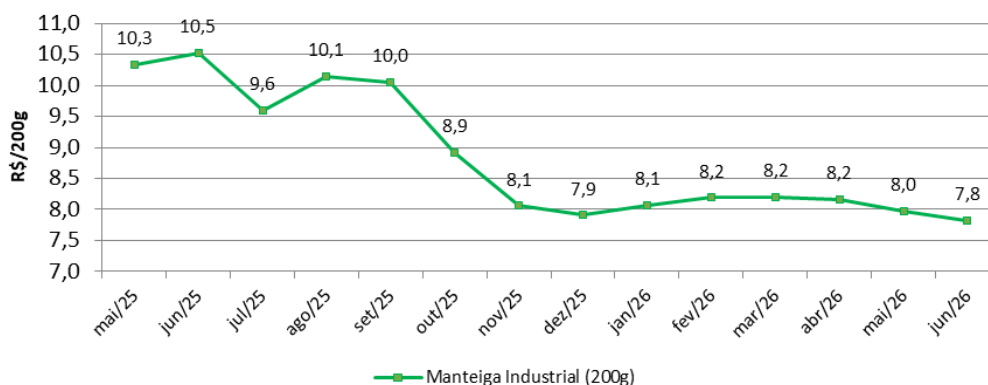
Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

### Manteiga

No fechamento do primeiro semestre de 2026, o preço da manteiga industrial (200g) manteve a tendência recente de baixa, operando nos menores patamares do período analisado (Figura 8).

- Comparativo Mensal (Junho/26 vs. Maio/26): Na transição de maio para junho de 2026, o preço médio recuou de R\$8,00 para R\$7,80 por embalagem de 200g, registrando uma queda de R\$0,20 (-2,5%).
- Comparativo Anual (Junho/26 vs. Junho/25): Em relação ao mesmo período do ano anterior, quando o valor corrigido estava em R\$10,50, o preço atual de R\$7,80 representa uma desvalorização real expressiva de R\$2,70 (-25,7%).

**Figura 8 - Manteiga Industrial (200g) – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (mai./2025 a jun./2026<sup>(1)</sup>)**



Fonte: Epagri/Cepa, jun./2026

<sup>(1)</sup> Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI



## Queijo Mussarela

No encerramento do primeiro semestre de 2026, o preço do queijo mussarela no atacado interrompeu a sequência de altas recentes e apresentou uma leve retração (Figura 9).

- Comparativo Mensal (Junho/26 vs. Maio/26): Entre maio e junho de 2026, o preço médio do quilo recuou de R\$ 34,2 para R\$ 33,9, registrando uma queda de R\$0,30 (-0,9%).
- Comparativo Anual (Junho/26 vs. Junho/25): Na comparação interanual, o mercado atual opera em patamar superior ao do mesmo período do ano anterior. O valor de R\$33,9/kg representa uma valorização real de R\$0,30 (0,9%) frente aos R\$33,6/kg registrados em junho de 2025.

## Queijo Prato

O mercado atacadista de queijo prato também registrou recuo no fechamento do mês de junho, acompanhando o movimento observado na mussarela (Figura 9).

- Comparativo Mensal (Junho/26 vs. Maio/26): Na transição de maio para junho de 2026, o preço médio recuou de R\$34,2/kg para R\$33,8/kg, o que representa um decréscimo de R\$0,40 (-1,2%).
- Comparativo Anual (Junho/26 vs. Junho/25): Confrontando com junho de 2025, período em que o quilo estava cotado a R\$34,5, o preço atual de R\$33,8/kg indica uma desvalorização real de R\$0,70 (-2,0%).

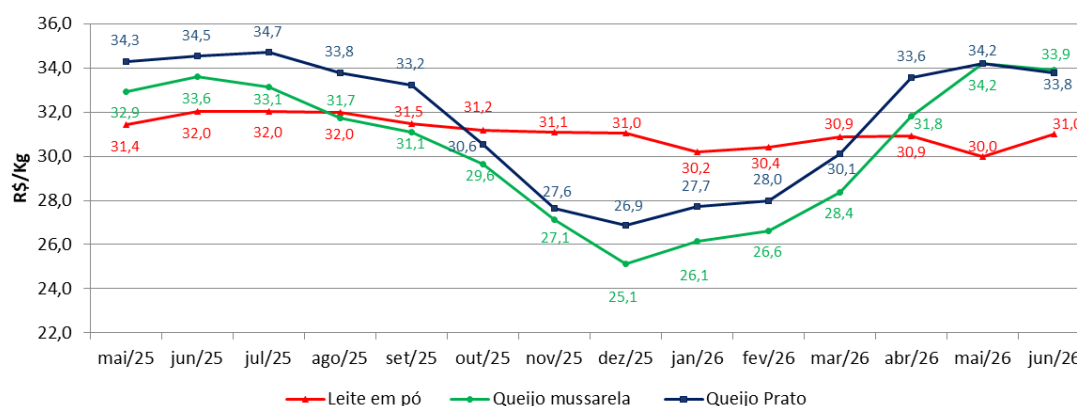
## Leite em Pó

Diferenciando-se do comportamento dos queijos, o leite em pó apresentou reação e fechou o semestre com valorização no mercado atacadista (figura 9).

- Comparativo Mensal (Junho/26 vs. Maio/26): Entre maio e junho de 2026, o preço médio do produto avançou de R\$30,0/kg para R\$31,0/kg, assinalando um incremento de R\$1,00 (3,3%).
- Comparativo Anual (Junho/26 vs. Junho/25): Na comparação com o mesmo período do ano anterior, o mercado demonstra estabilidade com viés de baixa. O preço atual de R\$31,0/kg está R\$1,00 (-3,1%) abaixo dos R\$32,0/kg registrados em junho de 2025.



**Figura 9 - Produtos Lácteos – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (mai./2025 a jun./2026)<sup>(1)</sup>**



Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

<sup>(1)</sup> Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

### Variação dos preços por praça

Em maio de 2026, o preço médio pago ao produtor pelo litro de leite registrou alta em todas as praças catarinenses pesquisadas na comparação com abril (Tabela 1). Cenário oposto foi observado no confronto interanual, com retrações generalizadas nos preços pagos ao produtor em relação a maio de 2025.

- Comparativo Mensal (Maio/26 vs. Abril/26): A alta mais expressiva ocorreu no Alto Vale do Rio do Peixe (13%), onde o litro passou de R\$2,22 para R\$2,51. Elevações substanciais também foram observadas no Meio Oeste (11%, de R\$2,31 para R\$2,57), no Oeste (11%, de R\$2,44 para R\$2,72) e no Extremo Oeste (9%, de R\$2,42 para R\$2,64). Na Grande Florianópolis o avanço foi de 7% (de R\$2,68 para R\$2,86), enquanto o Litoral Norte e o Litoral Sul apresentaram acréscimo de 6%, atingindo R\$2,57 e R\$2,64, respectivamente.
- Comparativo Anual (Maio/26 vs. Maio/25): No confronto interanual, os preços pagos ao produtor continuam operando em patamares inferiores aos do mesmo período de 2025 em todas as regiões com dados disponíveis. A maior retração real foi registrada no Alto Vale do Rio do Peixe (-11%), com o preço recuando de R\$2,82 para R\$2,51. Quedas moderadas foram observadas no Extremo Oeste (-6%), Litoral Norte (-6%), Meio Oeste (-5%), Litoral Sul (-4%) e Oeste (-4%). Para a Grande Florianópolis, não há informações comparáveis para o período correspondente de 2025.



**Tabela 1 - Leite - Comparativo de preços pagos ao produtor por Praças em Santa Catarina (litro)**

Praça	Mai./2026	Abr./2026	Var. mensal (%)	Mai./2025	Var. anual (%)
Alto Vale do Rio do Peixe	2,51	2,22	13	2,82	-11
Extremo Oeste	2,64	2,42	9	2,82	-6
Grande Florianópolis	2,86	2,68	7	-	-
Litoral Norte	2,57	2,41	6	2,73	-6
Litoral Sul	2,64	2,50	6	2,76	-4
Meio Oeste	2,57	2,31	11	2,72	-5
Oeste	2,72	2,44	11	2,84	-4

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2026

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI

Além da moda, ou da média na ausência desta, a Epagri Cepa também coleta os preços mínimo e máximo por informante. No estado, a menor média de preço mínimo pago pelos laticínios aos produtores foi registrada na UGT do Extremo Oeste (R\$2,32/litro), ao passo que a maior média foi observada na UGT da Grande Florianópolis (R\$2,97/litro).

### Ação Antidumping

A investigação de dumping, iniciada a pedido da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), resultou na publicação da Resolução nº 907, de 3 de junho de 2026, emitida pelo Comitê Executivo de Gestão (GECEX). O GECEX atua como o núcleo operacional e principal órgão de deliberação da Câmara de Comércio Exterior do Brasil (CAMEX), instituição vinculada ao Governo Federal.

A referida resolução aplicou direito antidumping definitivo, por um prazo de até cinco anos, às importações brasileiras de leite em pó originárias da Argentina e do Uruguai. A medida representa o reconhecimento oficial por parte do governo de que as práticas comerciais desses países vizinhos vinham causando danos severos à indústria doméstica brasileira, que enfrenta forte assimetria de competitividade e margens de subcotação de preços na ordem de 29% no atacado industrial, segundo o Parecer SEI nº 518/2026/MDIC.

No entanto, a exigibilidade e a aplicação prática dessas tarifas foram suspensas imediatamente por razões de interesse público. O objetivo da suspensão é calibrar a proteção ao produtor nacional com as metas de segurança alimentar e controle da inflação, visto que o leite é considerado um item essencial na cesta de consumo da população.

O desdobramento subsequente do caso compete agora à Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), órgão do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, que tem a atribuição de instaurar um procedimento administrativo de avaliação de interesse público. Esse processo vai mensurar com precisão o impacto que a cobrança efetiva das taxas fiscais, cujos valores variam de US\$167,31 a US\$4.196,72 por tonelada dependendo da empresa exportadora, exercerá sobre os elos de produção, distribuição e consumo antes de uma decisão final sobre a incidência dos impostos.

